O Espelho da Salvação Eterna

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

O Espelho da Salvação Eterna

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

O espelho da salvação eterna

João de Ruysbroeck

Este livro é mesmo um espelho onde, com toda verdade, pode ser lido Deus, toda virtude e a eterna vida. Por isto, ele é chamado de *O espelho da salvação eterna*. Quem nele se mirar age sabiamente.

Ó glorioso nome de Nosso Senhor, que todos os anjos e os santos honram com grande reverência. Nome que faz viver os mortos, quando ele os toca com seu poder, para a salvação eterna! Óleo derramado do amor, que arrebata todo espírito para fora dos sentidos, com sua grande suavidade! Que este nome seja agora louvado, honrado e abençoado, por toda a eternidade! Amém.

CAPÍTULO 01

Como é preciso entender a doutrina deste livro.

Querido e bem-amado em Nosso Senhor! Tenho a firme esperança e confiança que você foi visto por ele, chamado, eleito e amado desde toda eternidade e não apenas você, mas também todos aqueles que, no monas-

tério, fazem realmente profissão diante de sua face gloriosa; todos aqueles que, livremente e sem fingimento, fazem a escolha de servi-lo, de louvá-lo e de amá-lo para sempre, pois este é um testemunho verídico e um sinal de que, desde a eternidade, Deus os viu, elegeu e chamou por pura bondade, em companhia de seus bem-amados, para viver em sua casa.

Mesmo que você seja ainda noviço, tome toda observância e faça já a profissão no amor e na verdadeira santidade. Abrace francamente e com um coração livre o que você escolheu e você compreenderá então que você foi eleito por Deus eternamente.

Foi para seus bem-amados que ele enviou seu Filho único, um com ele em substância e feito um conosco em natureza, para nos consagrar sua vida, seu ensinamento e seu amor até a morte.

De fato, ele nos resgatou e libertou de todos os nossos inimigos, assim como de todos os nossos pecados. Nós todos, sem distinção, nos deixando também todos os seus sacramentos.

Se então você se decidiu escolhê-lo por amor, isto é um sinal de que você foi eleito desde a eternidade e, para lhe dar fé e plena confiança nele, ele lhe entregou sua

carne e seu sangue, como alimento e bebida. O saber deles deve penetrar todo seu ser e alimentar sua alma até a vida eterna.

Ele quer, de fato, viver e habitar em você e lhe ser sua vida. Ele, Deus e humano. Ele quer ser inteiramente seu, desde que você consinta em ser plenamente dele, a viver e a habitar nele, como uma pessoa celeste e divina.

É a ordem e a conduta do amor eterno que você seja dele e não de você mesmo, que você viva para ele e não para você, pois, do lado dele, ele se tornou seu e lhe consagrou a vida dele, para lhe pertencer por toda a eternidade.

Viva então para ele e cante seus louvores. Busque-o, ame-o e sirva-o, para sua glória eterna e não somente com vistas a uma recompensa ou um bem próprio, uma satisfação, uma felicidade ou o que quer que seja que possa resultar para você, pois o amor verdadeiro não busca o que é seu e é por isto que ele é rico de Deus e de todas as coisas, se elevando acima da natureza pela graça.

Dê a Cristo, seu Esposo, tudo o que você é, tudo o que você tem e o que está em seu poder. Faça isto com um coração livre e generoso e, em troca, ele lhe dará tudo

o que ele é e tudo o que está em poder dele. Jamais você terá visto um dia tão feliz.

Ele lhe abrirá seu coração amoroso e glorioso, assim como o íntimo da sua alma toda repleta de glória, de graça, de alegria e de fidelidade. Nele, você encontrará felicidade e crescimento e você crescerá em amor afetivo. A chaga aberta do seu lado será para você a porta da eterna vida e a entrada do paraíso vivo que é ele mesmo.

Nele, você desfrutará do fruto da vida eterna, produzido para nós pela árvore da cruz. O fruto que nos fez perder o orgulho de Adão e que nós recuperamos na humilde morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Paraíso vivo.

Nele e dele flui a fonte da saúde eterna e de suas feridas escapa o bálsamo que cura todos os males. O perfume dele é tão forte que ele afugenta todas as serpentes diabólicas e ressuscita aqueles que estão mortos no pecado. Ele dá a graça e a vida eterna.

Por outro lado, no próprio íntimo de Nosso Senhor Jesus Cristo fluem rios de mel que ultrapassam em suavidade e em doçura tudo o que pode ser imaginado.

Que possa você penetrá-lo, desfrutá-lo e sentir sua doçura! Você triunfará então facilmente do mundo, de

você mesmo e de qualquer coisa, pois o Senhor lhe mostrará o caminho do amor que conduz ao seu Pai. Caminho que ele próprio seguiu e que é ele mesmo. Ele o fará saber como sua humanidade constitui uma digna oferenda; a humanidade que ele lhe deu com todos os seus sofrimentos, para lhe permitir se apresentar ousadamente na corte celeste, tendo obtido para você a paz com a liberdade.

Você deve então oferecer Cristo com um coração humilde e generoso, como sua verdadeira oferenda e o tesouro que serviu para sua libertação e para seu resgate. Por sua vez, ele oferecerá você, com ele mesmo, ao seu Pai celeste, como o fruto bem-amado pelo qual ele morreu e o Pai o acolherá com seu Filho, em um abraço cheio de amor.

Veja que aqui todos os pecados são perdoados, toda dívida paga, toda virtude cumprida e o Amor une o Bem-amado ao seu bem-amado. Quando você estiver, assim, de posse dele, você experimentará e saberá que você vive no Amor e que o Amor vive em você, o que é a fonte da verdadeira santidade, pois só se chega ao Pai através do

Filho[1], através de sua Paixão e de sua morte, se aplicando a isto através do Amor[2].

Aqueles que querem subir e penetrar de outra maneira, se enganam; são *ladrões e salteadores*[3] que pertencem ao fogo do inferno. Mas, desde que o Filho o apresentou com ele ao seu Pai, em sua morte, você receberá o abraço do amor e o Amor lhe é dado como um penhor da compra que foi feita de você para o serviço de Deus e como um depósito pelo qual lhe foi dada a posse do seu Reino.

Deus não pode retirar seu penhor, pois este penhor é ele mesmo e tudo o que está em seu poder. Observe, de fato, que o penhor e o depósito que foram dados é o Espírito Santo[4], que constitui seu dote e contradote ou tesouro e Jesus, seu Esposo, o constituiu seu herdeiro no Reino de seu Pai.

Tenha então o cuidado de guardar bem e manter seu penhor e seu dote, na unidade do amor, com Jesus seu

---

[1] Cf. João 14: 6. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim.*

[2] Em toda esta passagem, é preciso entender o Amor como sendo o próprio Espírito Santo, com que a pessoa justa é colocada em relação e, através dele, com as duas outras Pessoas da Santa Trindade. Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 13.

[3] Cf. João 10: 1 e 2. *Quem não entra pela porta do redil, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Mas quem entra pela porta é o pastor das ovelhas*.

[4] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*, Ia, IIae, q. 114, a. 3 ad m.

Esposo bem-amado[5], pois é na unidade do amor que se renovam incessantemente aqueles que consagram dignamente a Deus sua vida e seu serviço.

Há três categorias nas quais entram todos aqueles que pertencem à família de Deu. A primeira compreende as pessoas virtuosas de boa vontade, que, superadoras delas mesmas, morrem incessantemente para o pecado. A segunda são as pessoas interiorizadas, com uma vida rica, que praticam todas as virtudes na mais alta perfeição. A terceira categoria é composta pelas pessoas elevadas, totalmente cheias de luz, que expiram incessantemente no amor e se aniquilam na unidade com Deus.

São três estados ou três degraus onde são praticados todos os tipos de santidade e quando estes três estados são encontrados na mesma pessoa, ela vive então segundo a inteira vontade de Deus.

Preste atenção agora a estes três estados ou tipos de vida, com suas diferenças. Eu os mostrarei e explicarei,

[5] A unidade mencionada aqui é a das forças superiores que, através do amor, fazem o retorno para sua essência. É lá onde reside a graça e onde a alma, refletida nela mesma, encontrará o Espírito Santo. Cf. *A ornamentação das núpcias espirituai*s, Livro II, cap. 58.

para que você possa se conhecer bem e não se considerar melhor e nem mais santo do que você é[6].

CAPÍTULO 02

A primeira categoria ou a dos iniciantes.

O primeiro e mais humilde degrau da vida, que tem em Deus sua origem e o Espírito Santo como autor e instigador, é o que se chama de uma vida virtuosa, daqueles que morrem para o pecado e crescem em virtudes e é assim que ela se inicia.

O Espírito Santo apresenta sua graça ao coração da pessoa. Quando esta consente em acolhê-la, ele abre a Deus seu coração e sua vontade e ela recebe, com um espírito alegre, sua graça e sua ação íntima.

Imediatamente, o amor divino expulsa para fora o amor desordenado das criaturas das quais ele triunfa, sem, no entanto, fazer desaparecer, por isto mesmo, toda inclinação descontrolada e a concupiscência natural, pois

[6] Mantemos os títulos dos cap. 02 e 03, tais com estão nos manuscritos. Mas é preciso observar cuidadosamente que a matéria destes capítulos se estende muito mais do que os títulos indicam. Ruysbroeck mesmo faz esta observação no cap. 21.

a vida Santa é *uma milícia*[7] em que só se permanece nela lutando.

É por isto que, se você começar a levar uma vida boa e nela perseverar sempre, você deve, lealmente, buscar e amar Deus acima de qualquer coisa. Essa busca o levará sempre ao que você ama. Você vai se entregará a ele, você o tomará e o possuirá com amor. Depois, você estabelecerá lá sua vida inteira, incessantemente ocupado com as delícias do seu Bem-amado e assim, a cada vez que você entrar em você mesmo, você poderá desfrutar e experimentar a bondade de Deus.

Assim se ama Deus puramente para sua glória eterna, para poder amar eternamente e isto é a raiz de toda vida santa e do verdadeiro amor que não morre. Você deve se dedicar a ela incessantemente, se esquecendo de você mesmo e renunciando a você mesmo.

Tenha então o cuidado, acima de tudo, de não buscar no amor nenhum interesse próprio, nem prazer, nem consolação, nem nada, enfim, que Deus possa lhe dar para seu encorajamento, no tempo ou na eternidade[8], pois

---

[7] Cf. Jó 7: 1. *A vida do ser humano na terra é uma milícia; seus dias são como os dias de um mercenário*. (*Militia est vita hominis super terram et sicut dies mercenarii dies ejus*).

[8] O que Ruysbroeck quer dizer aqui e com expressões análogas é que se deve amar Deus por ele mesmo e não para uma vantagem pessoal que se pode obter. O próprio desejo pela eterni-

isto é contrário à caridade e uma tendência natural que faz perecer o verdadeiro amor. Dificilmente se chega ao objetivo quando se é covarde e suficientemente tolo para se acreditar sábio, em tudo buscando sempre seu interesse próprio.

Além disto, saiba bem que tudo o que você puder desejar e muito mais ainda, o amor lhe dará, sem que você faça nada para isto, pois, se você possui o verdadeiro amor de Deus, todos os seus desejos são satisfeitos. Ora, esse amor não é outra coisa do que amar a Deus sempre e sem parar jamais, o que o fará morrer para tudo o que é você mesmo e viver para amar.

Há o Amor que o ultrapassa e que é o próprio Espírito Santo. Nele, se é elevado à unidade com Deus, acima da razão, onde se toma seu repouso e onde se permanece.

Mas o amor que está em você é a graça de Deus e sua boa vontade. Todas as suas virtudes encontram nele riqueza e plenitude. Através dele, é Deus mesmo que vive e habita em você, com suas graças e seus dons. Você pode assim crescer sem parar e lhe agradar sempre mais.

dade deve se caracterizar primeiramente pela posse de Deus. A esperança do repouso e da felicidade pessoal só vem em seguida.

Além disto, há um amor que existe entre você e Deus e que é feito de santos desejos totalmente inflamados por sua glória. Nele se misturam ações de graça, louvores, todas as práticas, enfim, que sabem inspirar o amor e tudo isto se renova incessantemente, sob o toque do Espírito Santo, com o ajuda da sua boa vontade e do amor do seu coração.

Por fim há, como que abaixo de você mesmo, um amor que se espalha e atinge o próximo através das ações de misericórdia, na medida das suas necessidades e segundo o que você pode conhecê-las.

Na prática deste amor, você deve conservar seus bons costumes e sua regra e tudo o que se pratica comumente em termos de boas obras, guardando sempre uma sábia reserva de fora, segundo os mandamentos de Deus e as prescrições da Santa Igreja.

Com este conhecimento do amor e a prática que você faz dele segundo estas quatro maneiras, você ganha o império sobre você mesmo e você triunfa, necessariamente, do mundo. Você sempre morre cada vez mais para o pecado e sua vida é virtuosa.

Para isto, é preciso que você se livre das imagens, que você possua você mesmo e tenha sua alma em suas

mãos. Você poderá então sempre, segundo seu desejo, elevar seus olhos e seu coração para o céu, onde está seu tesouro e seu Bem-amado e assim, você terá uma mesma vida com ele.

Não torne inútil a graça de Deus em você, mas pratique com um verdadeiro amor, no alto, o louvor a Deus e, em baixo, todas as formas de virtudes e de boas obras.

Em todas as ações exteriores, no entanto, você deve estar sem preocupação e com um coração livre, de maneira a poder, sempre que quiser, em todas as coisas e acima de tudo, contemplar Aquele que você ama.

Isto, aliás, é algo fácil a quem ama, pois os olhos seguem o bem-amado e o coração da pessoa vai onde está seu tesouro, de acordo com as palavras do próprio Senhor[9].

Desta forma então, você deve, com um grande zelo e um amor atento, praticar o amor diante da face do Senhor, segundo o conselho divino. Esta também é a melhor parte da sua vida, que você deve preferir a tudo na prática.

Mas você deve, no entanto, seguir a prática da sua ordem e obedecer aos usos e costumes comuns que lhe

[9] Mateus 6: 21. *Porque, onde está o teu tesouro, lá também está teu coração.*

prescrevem sua regra. Esta é, em uma vida santa, a menor parte e o que há de mais humilde. Deus espera isto de você, assim como de todas as pessoas e você está vinculado a isto por seus mandamentos.

É preciso então se aplicar a isto, se entregar a isto, mas sem ansiedade ou preocupação do coração e sempre sob os olhos de Deus, pois a obra exterior é louvada na Escritura, mas a preocupação é censurada.

Quando você ler, cantar ou rezar, se você compreende o que você diz, fique atento ao sentido das palavras e à ideia que elas expressam, pois você cumpre seu serviço sob os olhos de Deus. Mas, se você não compreende ou mesmo se você está elevado mais acima, permaneça lá e mantenha seu olhar simples para Deus, pelo tempo que você puder, tendo em seu amor a intenção de honrar Deus sem parar.

Se, durante suas Horas ou seus outros exercícios, lhe vierem pensamentos ou imaginações estranhas, seja de onde for que eles venham, aliás, desde que você os perceba, retorne a você mesmo e não se perturbe, pois somos instáveis. Mas, apresse-se em retornar para Deus através da intenção e o amor. O inimigo pode querer mesmo lhe oferecer sua vitrine e sua mercadoria, mas, se

você não lhe comprar nada por afeição, ele não lhe deixa nada.

Para triunfar facilmente, tenha, de preferência, a alma elevada e recolhida, mais voltada para os exercícios interiores do amor do que a qualquer tipo de boas obras exteriores. Mas, se você tem a ciência do exercício interior e do recolhimento em Deus e se, além disto, você se sente atraído pela natureza ao prazer de falar e de ouvir externamente, por gosto e satisfação sensorial, quando você se abandonar a este gosto natural, haverá para você uma diminuição e um resfriamento no amor e em todas as virtudes.

Isto será decair da graça de Deus, que o desprezará e o rejeitará e então você será pior que aqueles que vivem no mundo e que jamais desfrutaram das coisas de Deus. Mas, se você lutar contra essa satisfação e esse prazer natural, você será certamente vitorioso e crescerá cada dia mais em graça, em amor e na complacência por Deus.

As pessoas simples e de pouca inteligência, que desejam levar uma vida conforme a caríssima vontade de Deus devem, na humildade de seus corações, desejar e implorar de sua bondade o dom do Espírito de sabedoria, que as fará viver segundo seu beneplácito e sua amabilís-

sima vontade. Se elas foram capazes de carregar essa sabedoria sem orgulho ou elevação do espírito, Deus a concederá certamente. Caso contrário, que elas permaneçam em sua simplicidade e sirvam Deus ingenuamente, segundo sua inteligência. Isto é o que há de melhor para elas.

Há aqui outra observação. Quando você tiver que falar com alguém, seja ele religioso ou pertencente ao mundo, seja prudente, reservado e discreto em suas palavras e em sua atitude, para não escandalizar ninguém. Mas prefira sempre permanecer em silêncio, mais disposto a ouvir do que a falar.

Tenha correção, verdade e franqueza em suas palavras e em seus atos, seja agindo ou se abstendo e caminhe sempre, interiormente, sob o olho de Deus.

Quando você tiver que falar ou responder, se você perceber que sua imaginação trabalha e se eleva como um obstáculo entre você e Deus, você deve se envergonhar e se apressar em se colocar, interiormente, na presença dele, através de um olhar de simples contemplação.

Enquanto você permanecer assim, de posse de você mesmo, de maneira a poder sempre se voltar para o interior de você mesmo como você quiser, você só tem que

permanecer em paz e viver sem medo de pecar gravemente.

É por isto que eu lhe aconselho a ter horror e a fugir dos cuidados e das preocupações do coração, da inconstância e dos múltiplos embaraços das pessoas, principalmente daquelas que vivem no mundo, fora de qualquer vida espiritual. Deseje e busque, pelo contrário, uma vida retirada, íntima, recolhida e pratique-a até que lhe seja tão fácil e tão simples reentrar em você mesmo e olhar com os olhos do intelecto quanto se voltar para fora e olhar com os olhos do corpo.

Quando você tiver que usar seus sentidos para sua própria utilidade e do próximo, vigie seus olhos e seus ouvidos, de maneira a não acolher nada com prazer, complacência e afeição que possa se gravar no seu coração e se estabelecer entre você e Deus, pois você se arriscaria a se deixar surpreender por um sentimento descontrolado do coração e perder assim a posse de você mesmo, bem como a liberdade de se recolher em Deus, o que deve ser toda sua felicidade.

Vigie-se também, no comer e no beber e em tudo o que é necessário ao seu corpo, para não viver segundo os desejos da sua carne e a satisfação da sua natureza. Se, de

fato, você procurar prazer e satisfação em você mesmo ou em uma criatura qualquer, você se desviará e não poderá mais, a partir de então, viver para Deus e morrer para o pecado.

Se lhe vierem imagens impuras, sob a forma de sonhos durante o sono ou motivadas pelo que ver, ouvir ou pensar ou ainda sob a influência do demônio, de sorte que você se sinta agitado pelas inclinações e complacências más da natureza, faça então o sinal da cruz sobre seu coração e reze uma Ave Maria e peça a Deus que tenha piedade de você. Implore também o socorro e a prece de todos os santos e de todas as boas almas.

Depois, tenha diante de você a glória de Deus que você poderia perder, as dores do inferno que você mereceria, a ofensa a Deus, enfim, a separação dele e de todos os amigos. Assim, você desenvolverá um medo justificado e você lutará com força. Confie-se à morte de Nosso Senhor, em seu socorro e em sua graça e ele não o abandonará. Você triunfará então certamente e crescerá sempre mais em graça e em virtude.

Quando você se confessar, não é útil mencionar o objeto dos seus sonhos e das suas imaginações, pois algumas vezes haveria o inconveniente e a confusão em

mencioná-los e em ouvi-los. Além disto, sonos e imaginações não são pecados e ninguém pode evitá-los plenamente, pois não somos seus autores. Mas o prazer e a satisfação que nascem deles são matéria para pecados veniais. Quando se toma consciência e pleno conhecimento desse prazer e se permanece neles voluntariamente, sem resistência, o pecado se torna mais grave. Mas, quando se deseja e busca essa satisfação ao pensar nas imagens impuras, o pecado é então ainda mais grave.

Às vezes, na conversa, não se toma suficiente cuidado com as palavras, com os atos, com a atitude ou outras coisas semelhantes. Ao se agir assim se recolhe necessariamente imaginações múltiplas, se perde a posse de si mesmo e os atrativos e os pendores impuros crescem. A razão então fica cega, o amor a Deus foge e se toma uma vida puramente animal, sem cometer, no entanto, pecados em obras exteriores.

Quem toma consciência deste estado deve __ se quiser se reconciliar com Deus __ confessar seus pecados perante ele e perante um sacerdote, com um coração contrito e humilde e ele receberá, certamente, misericórdia.

Pode acontecer ainda de você sentir em você uma tibieza, um peso e uma tristeza, que o faz se sentir sem

gosto e sem atração, sem nenhum ardor para com as coisas espirituais, pobre, miserável, abandonado e privado de toda consolação divina. Você se sentirá cheio de tédio e desprovido de toda atração ou prazer por qualquer prática que seja, interior ou exterior, tão pesado, enfim, que lhe parece que vai se afundar no chão.

Não se preocupe, no entanto, de forma alguma, mas se coloque nas mãos de Deus, desejando que sua vontade se faça e que sua glória seja propiciada. A nuvem sombria e pesada se dissipará logo e a luz resplandecente do sol, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, o envolverá com raios de sua consolação e de sua graça, ainda mais do que jamais experimentou antes.

Ora, é com a renúncia a você mesmo que você obtém esta graça, ao se abandonar humildemente a todo sofrimento e aflição. Você será então interiormente todo cheio e iluminado pela graça de Deus e compreenderá que Deus o ama e que você lhe é agradável. Seu coração e sua alma se rejubilarão juntos, todo seu ser se despertará sob a ação da consolação divina e você se sentirá à vontade no corpo e na alma. Seu sangue se aquecerá em suas veias e circulará em todos os seus órgãos. Os dons novos de Deus farão florescer seu coração na alegria profunda

de uma vida renovada. Seus desejos subirão até ele como uma chama ardente de devoção, com ações de graças e louvores, enquanto sua alma descerá em sua própria estima, através de um humilde rebaixamento dela mesma.

Ao considerar, por outro lado, seus pecados, suas faltas e seus numerosos defeitos, você encontrará neles um motivo de dor e de arrependimento. Você compreenderá, ao mesmo tempo, o quanto você é indigno de toda consolação e de toda consideração da parte de Deus e você considerará todos os seus dons vindo da sua fidelidade eterna, da sua bondade e da sua misericórdia totalmente graciosas e indulgentes. Você só sentirá mais desejos de dar graças e de louvar sem parar.

O conhecimento que você adquirir assim o fará então sempre descer em sua própria estima e conceber um verdadeiro desprezo por você mesmo. Contrariamente, você se elevará na reverência e na elevada estima de Deus, que o poupou no meio dos seus pecados e que, graciosamente e sem mérito da sua parte, o cumulou com sua consolação e os seus dons divinos.

Aplique-se então em subir a Deus pelo desejo e em descer a você mesmo pela humildade e assim você cresce-

rá sempre e se beneficiará dos dois lados, ao mesmo tempo em que a graça de Deus se derramará sobre você.

Sob a ação desse bem estar sentido em todo você, uma hora você rirá e outra hora, você chorará, como uma pessoa embriagada. Você sentirá e desfrutará de muitas coisas extraordinárias que somente conhecem aqueles que se dedicam a um amor assim, pois a alegria e o amor dilatarão seu coração.

Você amará Deus então, você o agradecerá e o louvará, mas, ao mesmo tempo, você sentirá que, para agir assim, tudo lhe falta e tudo lhe faz falta, pois tudo o que você pode fazer lhe parecerá muito pequeno e como que nada, em comparação com seus desejos e com o que o amor reclama de você, como, aliás, lhe é digno.

Este desejo trará ao seu coração uma ferida dolorosa que só fará crescer e se renovar incessantemente, sob a ação de um amor afetivo para com Deus. Então, você ansiará por amor.

Às vezes, lhe parecerá que seu coração e seus órgãos devem se romper e se partir, que sua própria vida vai desfalecer e se dissolver sob o esforço da impaciência dos desejos e que essa própria impaciência não pode se extinguir enquanto você viver.

Depois, quando você menos suspeitar ou pensar, Deus se esconderá e retirará sua mão. Entre ele e você, ele colocará trevas, através das quais, você não poderá ver nada. Então, você seu queixará, gritará e gemerá como um pobre, um infeliz e um abandonado.

"Mas, eis que os pobres se abandonam a Deus", diz o Profeta. Abandone então a ele o que é dele e prefira estar na casa rejeitada e desprezada, invés de habitar na tenda do soberbo[10].

Se Deus desapareceu dos seus olhos, você, no entanto, não está escondido para ele, pois ele vive em você e lhe deu e lhe deixou sua imagem, ou seja, seu Filho Jesus Cristo, nosso Esposo. Você deve carregá-lo em suas mãos, diante dos seus olhos e em seu coração.

São Paulo disse, de fato, que o Filho de Deus se fez humilde e desceu do céu até este mundo, tomando a forma de um escravo, porque ele quis se fazer assim seu servidor[11]. No excesso de sua humildade, ele disse, pela boca do Profeta: *Eu sou um verme, não sou humano*[12].

---

[10] Cf. Salmo 84: 11. *Prefiro deter-me no limiar da casa de meu Deus a morar nas tendas dos pecadores*.

[11] Cf. Filipenses 2: 7. *Aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e se assemelhando aoshumanos*.

[12] Salmo 21: 7.

Então, depois de ter cumprido fielmente e com amor, por trinta e três anos, seu serviço para com seu Pai celeste e para conosco, chegou o tempo em que ele quis, por puro amor, consumar seu ministério e morrer para a glória do seu Pai e por nossa causa.

Então, no meio da maior provação, ele foi, na parte inferior dele mesmo, abandonado e privado da consolação por parte de Deus, dos seus amigos mais queridos e de todo mundo. No entanto, seus inimigos mortais o cumularam de desprezo, de ultrajes, de injúrias, de maldições e de golpes sem número.

Obediente ao seu Pai até a morte, ele suportou voluntariamente e com grande coração toda a maldade que podiam imaginar e inventar sob a influência do demônio. Ao mesmo tempo, ele rezou por nós e por eles desculpando seus pecados e dizendo: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[13] e ele foi ouvido, por causa de sua piedade, por todos aqueles que sempre tiverem consciência e arrependimento por seus pecados.

Ele sabia bem, desde o primeiro momento em que sua alma foi criada, que ele deveria sofrer e morrer pelos pecados do mundo. No entanto, quando chegou o tempo

[13] Lucas 23: 34.

de sua morte próxima, sua natureza tão fina sofreu um abatimento e uma tristeza e na angústia do sofrimento, ele suplicou ao seu Pai celeste que afastasse de seus lábios, se fosse possível, o cálice da sua Paixão. Mas, nisto ele não foi ouvido, pois seu Pai não quis poupá-lo, tendo resolvido que ele sofreria e seria entregue à morte.

Na parte superior dele mesmo, ele permaneceu, aliás, sempre de acordo com o a vontade do seu Pai e, apesar da tristeza e do pavor sentidos na natureza, ele se submeteu, no entanto e rejeitando sua vontade sensorial, ele disse: *Todavia, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres*[14].

Com isto, aprendemos que, quando rezarmos para obter o perdão dos nossos pecados ou de outros, não devemos parar e nem interrompermos até sermos ouvidos. Mas, quando rezamos e expressamos o desejo de ver interrompidos os sofrimentos e as dores suportados por nossos pecados ou pelos alheios, devemos abandonar a nós mesmos e sofrermos docilmente, mesmo quando o sofrimento tiver que ir até a morte.

---

[14] Mateus 26: 39.

CAPÍTULO 03

A segunda categoria ou a daqueles que levam uma vida de progresso.

Desta forma então, ao suportarmos em nossa vida o sofrimento, sem fazer escolha, nos beneficiamos sempre e não perdemos nada. Você vai compreender.

Quando Cristo se entregou ao beneplácito do seu Pai, esse abandono foi feito com um amor tão forte e tão ardente em seu espírito, acompanhado de uma ansiedade tal na natureza, que de seu corpo se desprendeu um suor de sangue que se derramou até o chão.

Ora, foi com este abandono voluntário e com esse amor que ele nos comprou para seu serviço e ao de seu Pai. Seus sofrimentos e sua morte pagaram e quitaram nossa dívida e é por isto que devemos, necessariamente, lhe pertencer, para sermos bem-aventurados no céu ou condenados no inferno.

O Pai celeste nos criou do nada. Por direito, devemos ser dele. O Filho de Deus nos libertou com sua morte. Por direito, devemos morrer para o pecado e viver o servindo. O Pai e o Filho, com o Espírito Santo, nos amaram eternamente e nos anteciparam no amor. Com toda justiça, devemos amar em troca.

As três pessoas são um só Deus, uma só substância e uma só natureza e é por isto que são servidos em comum. Quem serve um serve os outros e quem despreza um despreza os outros.

Agora, observe o que Cristo diz, no Evangelho escrito por São Mateus: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!*[15]

Ora, o que é justo é darmos a Deus o que lhe devemos. Ao abandonar sua própria vontade à do seu Pai, Cristo nos resgatou e, com sua morte, ele pagou por nós.

Se então quisermos segui-lo, devemos abandonar nossa própria vontade e seguir a dele. Desta maneira, a compra que ele fez de nós é ratificada.

Devemos também domar nossos sentidos, derrotar nossa natureza, carregar nossa cruz e seguir Cristo. Este é o meio de quitar a dívida que ele pagou por nós.

Assim, com sua morte e nossa penitência voluntária, conseguimos estar unidos a ele como servidores fiéis e pertencemos ao seu Reino. Mas, ao imolarmos nossa própria vontade pela dela, de maneira que sua vontade se torne a nossa, somos seus discípulos e seus amigos de escolha.

[15] Mateus 5: 6.

Além disto, quando somos elevados em amor e nosso pensamento permanece nu e sem imagens, tal como ele foi criado por Deus, então estamos sob a ação do Espírito e nos tornamos filhos de Deus[16].

Retenha bem estas palavras e esta máxima e direcione, segundo elas, sua vida. Veja como Cristo, Filho de Deus, ao querer, por amor, dar sua vida por nós, se entregou nas mãos de seus inimigos até a morte, para ser, para seu Pai e para o mundo inteiro, um servidor obediente. Sua vontade pertencia à de seu Pai e ele cumpriu assim toda justiça, nos ensinou toda verdade e seu espírito se elevou até um eterno e bem-aventurado prazer. Foi então que ele disse: *Tudo está consumado*[17]. *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!*[18]

A estas palavras, Davi, ao falar em nome de todos os justos que deveriam seguir Cristo, respondeu: *Resgataste-me, ó Senhor, Deus da verdade*[19].

Não podemos, de fato, resgatar a nós mesmos, mas, quando seguimos Cristo, como expliquei acima, com todo nosso poder, nossas obras se unem às dele e são enobre-

[16] Cf. *A pedra brilhante*, cap. 06-09.
[17] João 19: 30.
[18] Lucas 23: 46.
[19] Salmo 30: 6.

cidas por sua graça. Ele então nos resgatou com o mérito das obras deles e não com o das nossas, nos dando assim liberdade e salvação.

Mas, para que possamos desfrutar e possuir esta liberdade, é preciso que seu Espírito consuma o nosso com amor e o mergulhe no abismo de suas graças e de sua livre vontade. Nosso espírito é batizado nele, libertado e unido ao seu espírito.

Observe que aqui morre em nós toda propriedade da vontade, para dar lugar à vontade de Deus, de sorte que toda possibilidade ou capacidade de querer algo diferente do que Deus quer desaparece, tendo sua vontade se tornado a nossa e esta é a raiz da verdadeira caridade.

O novo nascimento, que nos vem do Espírito de Deus, torna também nossa vontade livre, porque ela forma uma só com a vontade livre de Deus. Nosso espírito, sob a ação do amor, é elevado e transportado até à unidade de espírito, de vontade e de liberdade com Deus e, nessa liberdade divina, o espírito da pessoa é elevado em amor acima de sua própria natureza, ou seja, acima das dores, dos esforços e do desgosto, acima da ansiedade, da preocupação e o medo da morte, do inferno e também do purgatório, acima, enfim, de toda provação a suportar no

corpo e na alma, no tempo e na eternidade, pois, quer se trate de consolação ou de dor, de dar ou de receber, de morrer ou de viver e de tudo o que pode acontecer de triste ou de alegre, tudo isto permanece abaixo dessa liberdade amorosa em que o espírito da pessoa está unido ao Espírito de Deus.

São realmente pobres em espírito aqueles que não conservaram nada de seu e é por isto que eles são bem-aventurados, pois o amor de Deus é a vida deles.

Eles são ainda mais bem-aventurados porque são mansos e humildes, de sorte que, qualquer fardo e qualquer dor que tenha que suportar a natureza, eles têm sempre a paz de coração e de espírito.

Em terceiro lugar, eles são bem-aventurados porque gemem e choram sobre suas deficiências cotidianas, assim como pelos pecados de todas as pessoas, sofrendo ao verem Deus tão pouco conhecido, tão pouco amado e tão pouco honrado, em comparação com sua alta dignidade.

Daí nasce a quarta beatitude, que consiste em uma fome e uma sede, um desejo ardente e eterno que Deus seja amado e louvado por toda criatura, no céu e na terra.

Depois, ergue-se a quinta beatitude, onde, do fundo do coração, humilde e liberalmente, se deseja que Deus

derrame sua graça e seus favores no céu e na terra, para que todos sejam cumulados com seus dons, lhe dando graças e o louvando eternamente.

A sexta forma de beatitude depende disto e convém àqueles que, com um coração puro e desprovido de imagens, recebem as graças e os dons de Deus e, ao mesmo tempo, perseveram de uma maneira estável em um louvor pleno de reconhecimento. Estes são aqueles que contemplam Deus.

Desta contemplação vem a sétima forma de beatitude, que consiste em um retorno amoroso a Deus e à paz divina, onde entram o coração e os sentidos, o corpo e a alma, com todas as forças, em companhia de todos os bem-aventurados presentes e futuros. Esta é toda a escolta e a continuação deste retorno amoroso para Deus e para a visão da paz divina.

Aqueles que têm esta experiência desta forma de beatitude são bem-aventurados, são pacíficos, que possuem a paz com Deus, com eles mesmos e com todas as criaturas. É por isto que são chamados de filhos de Deus e foi ao falar deles que o Profeta disse: *Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo*. Mas, logo após, ele acrescentou:

Contudo, morrereis como simples humanos e, como qualquer príncipe, caireis[20].

Com isto, queremos nos referir à última forma em que termina nossa beatitude, pois, assim como subimos, pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, até à visão da paz divina, onde somos filhos de Deus, da mesma forma, devemos descer com ele pela pobreza, a miséria, a tentação, a luta contra nossa carne, contra o demônio e contra o mundo.

É nessa luta, de fato, que precisamos viver e morrer, como pobres pessoas, como fez Cristo, o Filho do Deus vivo, que é um príncipe elevado acima de todas as criaturas. Ele se abaixou, ele realmente se jogou sob os pés de todos os pecadores, sofrendo a pobreza, a miséria, a fome, a sede, a tentação, o desprezo, a luta, a necessidade, a cofusão, a vergonha e todas as provações possíveis externa e internamente.

No meio de tudo isto, ele permaneceu obediente e manso como um cordeiro. Enfim, para nos guardar em seu Reino, ele consentiu em morrer como uma pessoa pobre e miserável.

[20] Salmo 81: 6 e 7.

No entanto, se queremos nos tornar bem-aventurados e permanecermos eternamente com ele, devemos nos conservar em sua graça. Para isto, é preciso afligir e crucificar nossa carne e nossa natureza, resistindo às tentações, aos quereres e desejos maus que podem surgir em nós contra a honra de Deus.

Desta maneira, poderemos sempre subir com Nosso Senhor Jesus Cristo para seu Pai celeste, como filhos livres, mas também descer com ele até o sofrimento, as tentações e todas as provações, como seus fiéis servidores.

Seríamos, além disto, tão provados e tão exercitados na virtude que nos seria fácil nos recolhermos com Cristo tantas vezes que quiséssemos, mas deveríamos, no entanto, sofrer perseguições, pois somos instáveis e dispersos em uma multidão de pensamentos e imaginações, de tanto que vivemos neste mundo no tempo.

Assim, Cristo diz: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!*[21] Ora, o Reino dos Céus é Cristo vivo em nós com sua graça e o Reino de Deus sofre violência. É pela força

[21] Mateus 5: 10.

de Cristo que vive em nós e luta conosco que ganhamos e conquistamos este Reino.

Assim, quando as pessoas nos injuriam e nos maldizem, nos perseguem e falam sobre nós todo tipo de mal, injusta e mentirosamente, porque servimos Deus, devemos nos rejubilar, segundo as palavras de Cristo, pois temos uma recompensa plena e superabundante no céu[22].

Só será coroado também aquele que tiver combatido legitimamente[23]. Por isto, é melhor estar com Cristo na tribulação e no sofrimento do que estar sem ele na alegria e nas delícias.

Ele disse, de fato, através do seu Profeta: *Pois que se uniu a mim, eu o livrarei e o protegerei, pois conhece o meu nome. Quando me invocar, eu o atenderei. Na tribulação, estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória. Será favorecido por longos dias e mostrar-lhe-ei a minha salvação*[24].

Além disto, o profeta Davi disse: *Preparais para mim a mesa à vista de meus inimigos*[25].

---

[22] Cf. Mateus 5: 11 e 12.
[23] Cf. 2 Timóteo 2: 5. *Nenhum atleta será coroado se não tiver lutado segundo as regras.*
[24] Salmo 90: 14-16.
[25] Salmo 22: 5.

CAPÍTULO 04

Como é preciso receber o sacramento da eucaristia.

A mesa mencionada pelo Profeta é o altar de Deus, onde recebemos um alimento vivo que nos vivifica, nos fortifica em todo sofrimento e nos faz vencer todos os nossos inimigos, assim como todo obstáculo. Foi por isto que o próprio Cristo disse a todas as pessoas: *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos* e também: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*[26].

Essa habitação mútua é então a vida eterna e, como precisamos viver neste mundo no meio de um combate espiritual, precisamos de um alimento fortificante que nos faça triunfar na luta e lutar ainda ao triunfar. Este alimento está escondido, é um pão celeste que só é dado

[26] João 6: 54-57.

àquele que obtém a vitória na luta e que ninguém conhece, se não o desfrutou e recebeu.

Escute agora minhas palavras e as recolha na lição e no sentido. Se você quer receber o corpo de Nosso Senhor no sacramento, de uma maneira que seja gloriosa para Deus e salvífica para você, você deve possuir quatro qualidades[27] que estavam em Maria, a Mãe de Deus, quando ela concebeu Nosso Senhor. Seja-lhe então discípulo e camareiro e sente-se aos seus pés, para que, com seus exemplos, ela possa lhe ensinar como é preciso viver, pois ela é a soberana senhora de toda virtude e de toda santidade.

A primeira qualidade que possuía Maria e que você deve ter é a pureza. A segunda é um verdadeiro conhecimento de Deus. O terceiro é a humildade. A quarta é um desejo que nasce da livre vontade.

Primeiramente, olhe em seu espelho, que é Maria, a primeira qualidade, que é a pureza. No momento mesmo em que foi concebida, Maria estava pura de qualquer mácula e de qualquer inclinação para o pecado, seja venial,

[27] Cf. com o cap. 12, onde estas quatro qualidades são explicadas pelos próprios comungantes.

seja mortal. Assim, o enviado de Deus, o anjo Gabriel pôde dizer: *Ave, cheia de graça! O Senhor é contigo*[28].

Tudo o que é *cheio de graça* é puro e tudo o que é puro é *cheio de graça*. Se então, você quer ser *cheio de graça* e receber Nosso Senhor, você deve ser puro como Maria.

Para isto, prove e examine o que aparece em sua consciência e tudo o que você encontrar nela que possa desagradar a Deus, aponte e confesse com um coração humilde, perante Deus e seu confessor.

Evite principalmente se esquecer e deixar apagar o que pode lhe ter parecido mais grave e do qual você tenha mais vergonha e confusão. Mas, acuse-se você mesmo, como a um inimigo mortal e assim você será puro e sem mácula.

Quanto às outras imperfeições, que são cotidianas e comuns e das quais ninguém consegue se livrar, mencione-as brevemente e não se preocupe com elas.

De tudo o que é pecado, pelo contrário, tenha uma grande contrição e arrependimento de coração, com uma firme vontade de fazer sempre o bem e de se colocar em guarda contra toda falta venial ou mortal.

[28] Lucas 1: 28.

Tenha, acima de tudo, uma grande fé e uma amorosa confiança em Deus, pois é isto o que faz os pecados serem perdoados, assim como Nosso Senhor disse em muitas passagens do Evangelho: *Tua fé te salvou*[29]. Esta é a primeira qualidade para ser puro e receber, como Maria, Nosso Senhor.

Mas, acima de tudo, evite as confissões muito longas e muito verbais, que só serviriam para lhe retirar a paz e jogá-lo no erro e no escrúpulo, pois, ao se estender assim em suas confissões, com muitas palavras inúteis, quando se trata de pecados veniais e ao querer se tranquilizar mais pelo seu ato do que pela confiança em Deus, você fica sempre fora da luz e do ensinamento de Deus. Desta maneira, você não sabe distinguir, em suas faltas, o que é grande ou pequeno, mais ou menos grave e quando, por infelicidade, lhe escapa alguma coisa de que você tem o costume de se acusar, sem, no entanto, que isto seja necessário, você fica todo perturbado, angustiado, triste, como se você não tivesse se confessado e mesmo muito mais ainda. Assim, quando em sua consciência deveriam reinar a esperança, a fé e o amor a Deus, nela só há ansiedade, medo e apego ao amor-próprio. Se você quer ser

[29] Mateus 9: 22; Marcos 5: 3 e 10: 52; Lucas 7: 50, 8: 48, 17: 42 e 18:42.

puro e habitar com Maria no segredo de sua morada, evite tudo isto.

A segunda qualidade, que ninguém pode ter se não tiver uma consciência pura, é o verdadeiro conhecimento de Deus. Maria tinha, mais do que qualquer outro, depois de se Filho, que é a própria Sabedoria de Deus.

No entanto, quando o anjo lhe trouxe a mensagem, ela ficou cheia de medo e se perguntou o que podia ser aquela saudação. O anjo lhe disse então: *Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi e reinará eternamente na casa de Jacó e o seu reino não terá fim.*

Então, Maria perguntou ao anjo: *Como se fará isso, pois não conheço homem?* E o anjo lhe respondeu: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nenhuma coisa é impossível.*

Maria ouviu estas palavras e as compreendeu, ensinada que foi pelo anjo e, mais ainda, pelo Espírito Santo. Ela então disse: *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*[30].

Assim, enquanto Deus a elevava soberanamente, ela mesma se rebaixava o máximo possível, como tinha aprendido com a Sabedoria de Deus, pois quem é elevado só pode permanecer estável na humildade. A queda dos anjos lançados do céu mostra bem isto.

O que há de mais elevado, de fato, do que o Filho de Deus? Mas também o que há de mais humilde do que o servidor de Deus e de todos, que é Cristo? O que há de mais elevado do que a Mãe de Deus? Todavia, há algo mais humilde do que ser a serva de Deus e de todo mundo, como Maria foi? Ela colocou, assim, sua vontade inteira no beneplácito de Deus, com um grande fervor, dizendo ao anjo: *Faça-se em mim segundo a tua palavra*.

O Espírito Santo a ouviu e Deus ficou tão tocado em seu amor que enviou imediatamente ao santuário de Maria o Cristo que nos resgatou de todos os males.

[30] Lucas 1: 30-38.

Desta Forma então, é com Maria e o anjo que a-prendemos como o Filho de Deus veio em nossa natureza.

CAPÍTULO 05

Cinco considerações relativas ao santo sacramento da eucaristia.

É preciso agora que saiba como devemos receber o Filho de Deus, em corpo e em alma, no santo sacramento da eucaristia. O ensinamento disto nos foi dado, por um lado, em figura, na Lei judaica e, por outro lado, na Lei cristã, por meio da Santa Escritura. Mas a fé nos erguer acima de tudo o que é conhecimento natural ou tradição escrita e nos dá uma certeza, fora de qualquer dúvida, da graça de Deus. Por fim, a Santa Igreja, que não pode er-rar, nos instrui, com seus ensinamentos e sua prática, em vigor desde o início do cristianismo, assim como pelos escritos dos santos.

Vou expor então cinco considerações relativas ao santo sacramento da eucaristia, que é útil a todo cristão conhecer.

A primeira olha o tempo em que o Senhor se deu aos seus discípulos neste sacramento. A segunda trata da ma-

téria e da forma deste sacramento. A terceira é relativa ao modo e à maneira como o Senhor quis se dar a todos. A quarta diz por que causa e que razão ele quis se dar velado e oculto e não à descoberto, no estado em que ele se encontrava então e tal qual ele está agora no céu. A quinta, por fim, se ocupará das diversas classes de pessoas que se aproximam do santo sacramento da eucaristia; uns, para sua salvação eterna e outros, para sua condenação.

Escute agora o que tem relação com o tempo e a figura profética do nosso sacramento. Quando Deus, pelo ministério de Moisés, fez sair do Egito os filhos de Israel, estava-se no décimo quarto dia da lua de abril, que começa sempre em março e foi então que foi celebrada a primeira Páscoa dos judeus.

Sob a ordem de Deus, Moisés prescreveu que em cada casa se comesse um cordeiro assado e que, com o sangue desse cordeiro, fossem tingidas as portas, nas ombreiras e na verga. Desta maneira, os judeus seriam protegidos contra o extermínio e contra todo mal[31].

Naquela mesma noite, de fato, o Senhor fez perecer, por todo o país, todos os primogênitos humanos e ani-

[31] Cf. Êxodo 12: 1-7.

mais e Moisés, conduzindo para fora do Egito o povo de Deus, o fez passar pelo Mar Vermelho e o fez entrar no deserto, onde o Senhor lhe deu, durante quarenta anos, um pão celeste como alimento.

Isto foi a figura do nosso sacramento da eucaristia. Todos os sinais e símbolos que tinham sido dados aos judeus são cumpridos e nossos sacramentos permanecerão até o fim do mundo e depois eles passarão, por sua vez, mas a verdade que está oculta neles e que não é outra coisa que a vida eterna, permanecerá pela eternidade.

Observe que, quando um grande rei ou um sábio senhor quer ir em peregrinação a uma terra distante, ele reúne seus próximos e lhes confia seu país, seu povo, seus filhos e sua família, para que eles governem e os mantenha em boa paz, até o dia em que ele retornará à sua terra. Foi assim que Cristo, a Sabedoria Eterna de Deus, o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores, tendo terminado sua peregrinação neste mundo miserável, quis voltar ao país do seu Pai, para retornar depois, no último dia, para julgar o mundo.

Na véspera do dia em que ele devia morrer, ele fez uma grande festa e deu um banquete à noite, ao qual convidou os mais altos príncipes do mundo, ou seja, os

Apóstolos, querendo lhes entregar e lhes confiar seus sacramentos e, ao mesmo tempo, seu povo e seu Reino.

Um cordeiro pascal tinha sido preparado para a festa e eles o comeram juntos, segundo o costume da lei judaica e esse cordeiro pascal era, por antecipação, uma figura do nosso sacramento da eucaristia. Mas, nesse mesmo dia chegava ao fim a figura que tinha durado mil quatrocentos e oitenta e seis anos, ou seja, desde o tempo em que Moisés tinha feito sair o povo judeu da terra do Egito.

Cristo abandonou assim a Lei judaica, da qual era a primeira Páscoa e inaugurou imediatamente nossa Lei e nossa primeira Páscoa, manifestando nisto seu poder sem limites, sua sabedoria, sua riqueza e sua liberalidade.

Por mais aflito que ele estivesse em sua natureza sensorial, ele se mostrou, no entanto, segundo o espírito, um anfitrião cheio de consideração e de bondade, tendo aos seus lados seus queridos Apóstolos como convivas e, sabendo que deveria morrer no dia seguinte e se separar deles, ele quis fazer seu testamento e deixar com eles, para que pudessem transmiti-los a todos os fiéis até o último dia. Ele colocou nele o selo de sua morte e de todos os Apóstolos após ele e este testamento não é outra coisa

senão ele mesmo, Deus e humano, presente com todos os seus dons no sacramento.

Assim, essa festa é grande, bem-aventurada e eterna, pois foi Jesus Cristo nascido de Maria, o rei do céu e da terra, que a instituiu. Eleito por seu Pai celeste como o primeiro pontífice da cristandade, ele mesmo celebrou a primeira missa jamais celebrada. Nela, ele ordenou seus sacerdotes e lhes deu a unção dos pontífices, da mesma maneira como o profeta Moisés, ao oferecer o primeiro sacrifício da Lei antiga, havia consagrado Aarão e seus filhos, para que eles fossem sacerdotes e pontífices, lhes dando poder e qualidade para governar o povo de Deus até a vinda de Cristo.

Foi por isto que, quando ele veio, por sua vez e nos serviu por trinta e três anos, ele, Deus e humano, extinguiu a Lei judaica, que era apenas uma imagem e inaugurou, ele mesmo, o primeiro sacrifício da Lei cristã, da qual ele foi o primeiro pontífice. Nela, ele consagrou seus sacerdotes e seus pontífices e deu a eles e a seus sucessores seu próprio poder, para governar e administrar seu povo em tudo o que visa o espiritual, até o último dia, em que ele deve retornar para julgar. Foi nessa noite que se iniciou assim a celebração da nossa missa.

CAPÍTULO 06

A matéria e a forma do santo sacramento da eucaristia.

Melquisedeque, grão-sacerdote do tempo de Abraão, ofertou pão e vinho, como verdadeira figura e também como matéria do nosso sacramento da eucaristia. Da mesma forma, Cristo, nosso grão-sacerdote, tomou o pão em suas mãos santas e veneráveis, para seu sacrifício. Depois, levantando os olhos para seu onipotente Pai celeste, lhe deu graças, benzeu o pão, o partiu e disse: *Tomai e comei. Isto é o meu corpo*.

Depois, da mesma forma, tomando em suas mãos santas e veneráveis o cálice que continha vinho, deu graças novamente ao seu Pai, benzeu o vinho e o deu aos seus discípulos, dizendo: *Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue; o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos em remissão dos pecados*[32].

Estas são então a matéria e a forma do nosso sacramento da eucaristia. O pão e o vinho constituem a maté-

[32] Mateus 26: 26-28.

ria, enquanto que a forma está nas palavras de Nosso Senhor: *Isto é o meu corpo* e *isto é o meu sangue*, pois, ao dizer: *Isto é o meu corpo*, ele transformou a substância do pão em substância do seu corpo. Não de uma maneira que o pão fosse eliminado, mas que, deixando de ser pão, ele se tornasse o corpo de Nosso Senhor[33] e não foi um corpo novo, mas aquele mesmo que estava sentado à mesa, que comia e bebia em companhia de seus discípulos. Eles o tinham diante deles, presente no sacramento exatamente como eles o viam com seus olhos, sentado à mesa, o que lhes dava grande alegria.

Mas ver com os olhos da fé o mesmo corpo presente no sacramento foi para eles uma alegria maior ainda. Nenhum deles todos, aliás, lhe perguntou: “Mestre, como pode ser isto?”, pois eles sabiam bem que Aquele que tinha feito o céu e a terra e todas as coisas do nada pode também transformar uma substância em outra, quando ele quer.

Àquele que, com um piscar de olhos, transformou em sangue todas as águas do Egito e a mulher de Ló em estátua, que fez jorrar do rochedo uma água abundante e realizou tantos grandes milagres relatados no Antigo e no

[33] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. III, q. LXXV, a. 2-4.

Novo Testamento, todas as coisas não são possíveis e não obedecem à sua vontade?

Observe agora que todo o pão que estava diante do Senhor quando da consagração, bem como aquele que está diante de todos os sacerdotes, em todos os lugares do mundo e sobre todos os altares são uma única e mesma natureza de pão.

No momento da consagração, em virtude da intenção requerida e das palavras consagratórias, todas as hóstias são uma só substância simples do corpo de Nosso Senhor no sacramento da eucaristia e tudo o que antes era pão se torna o corpo de Nosso Senhor e mesmo que as hóstias estejam dispersas por todas as extremidades da terra, o sacramento é um só e o corpo vivo de Nosso Senhor permanece em sua unidade indivisível em todo sacramento.

Você deve acreditar, da mesma forma, que o vinho transformado em sangue de Nosso Senhor, na consagração, está inteiro em todos os cálices e em cada um deles e não está mais abundantemente em um só do que em todos, pois ele não pode ser dividido, diminuído ou aumentado e, embora a consagração do corpo de Nosso Senhor e o de seu sangue sejam divididas e distintas, segundo a

matéria e segundo a forma das palavras, segundo a figura e também segundo o sentido e o sacramento seja duplo, ele se unifica, no entanto, em uma só realidade e contém um só Cristo[34], pois, na hóstia, o corpo vivo de Nosso Senhor não pode ser separado do seu próprio sangue e nem o sangue, no cálice, ser separado do seu corpo, com o qual ele vive. Assim, Cristo está indiviso e inteiro em cada parte do Sacramento.

A matéria necessária deste sacramento é o pão de trigo não fermentado e o vinho misturado com um pouco de água, que é um símbolo da inocência de Cristo, de sua mansidão e da sua humildade no meio das pessoas. Ele foi o precioso grão de trigo que morreu e que, jogado no chão, nos deu muito fruto, ou seja, a vida de nós todos na cristandade.

Da mesma forma, ele é a vinha verdadeira plantada pelo Pai no jardim da Santa Igreja. De suas chagas fluem para nós o bálsamo e o vinho. O perfume requintado e o sabor delicioso que escapam dela inebriam os amantes de Deus.

---

[34] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*. IIIa, q. LXXIII, a. 2.

CAPÍTULO 07

O modo e a maneira segundo as quais Cristo se deu no santo sacramento da eucaristia.

Todo aquele que quer se inebriar de amor deve contemplar, escrutar e admirar duas marcas do amor que nos apresenta Cristo no santo sacramento da eucaristia; marcas tão elevadas e tão profundas que ninguém pode apreendê-las e nem compreendê-las plenamente.

A primeira nos ensina que Cristo deu, à nossa alma, sua carne como alimento e seu sangue como bebida. Uma maravilha de amor assim jamais tinha sido ouvida antes. Mas é da natureza do amor dar e receber, amar e ser amado e estas duas coisas são encontradas em todo aquele que ama.

Assim, o amor de Cristo é ávido e liberal. Se ele nos dá tudo o que ele tem e tudo o que ele é, em troca, ele toma de nós tudo o que temos e tudo o que somos e ele reclama de nós mais do que somos capazes de dar. Sua fome é desmesuradamente grande. Ele nos consome inteiros até o fundo, tal sua avidez é imensa e seu desejo insaciável. Ele devora até a medula dos nossos ossos. No entanto, nós nos entregamos a ele de bom grado e quanto mais lhe cedemos, mais ele desfruta dos nossos atrativos

e mesmo que ele nos consuma, ele não pode jamais ser saciado, pois ele é insaciável e sua fome é sem medida. Nós somos pobres e ele sabe disto, mas ele não tem cura e nem por isto ele exige menos.

Primeiramente, ele prepara sua refeição e consome, no amor, todos os nossos pecados e nossos defeitos. Depois, quando somos purificados pelo fogo do amor, ele mergulha sobre nós como o falcão sobre sua presa, pois ele quer transformar e consumar nossa vida cheia de pecados em sua vida cheia de graças e de glória, que ele está sempre pronto para nos dar, desde que consintamos em renunciarmos a nós mesmos e a abandonar o pecado.

Se pudéssemos ver o ardente desejo que Cristo tem pela nossa salvação, não seríamos capazes de nos conter e iríamos nos jogar nele.

Ainda que minhas palavras soem estranhamente, aqueles que amam me compreendem bem.

O amor de Cristo é de tão nobre natureza que, mesmo consumindo, ele quer alimentar. Se ele nos absorve inteiramente nele, em troca, ele dá ele mesmo. Ele faz nascer em nós a fome e a sede do espírito, que devem nos fazer desfrutar dele com um prazer eterno e, a essa fome espiritual, assim como ao amor afetivo, ele dá o alimento

do seu próprio corpo e desse corpo sagrado, se o tomarmos e o consumirmos em nós com uma devoção íntima, flui, em todo nosso ser e mesmo em nossas veias, seu sangue glorioso e cheio de ardor. Somos abrasados por ele com o amor afetivo e a caridade. No corpo e na alma, somos penetrados pelo prazer e o gosto espiritual.

É assim que ele nos dá sua vida cheia de sabedoria, de verdade e de ensinamentos, para que o imitemos em todas as virtudes e então ele vive em nós e nós nele. Ele nos dá também sua alma, com a plenitude de graças que ela possui, para que, de uma maneira estável, possamos sempre permanecer com ele, em comunhão de amor, de virtudes e louvores do seu Pai. Por fim, o que ultrapassa tudo, ele nos oferece e nos promete sua divindade, para que desfrutemos dela eternamente.

Podemos nos admirar então, que estejam no júbilo aqueles que desfrutam e experimentam tais coisas?

Quando a rainha do oriente pôde contemplar a riqueza, a majestade e a glória do rei Salomão, ela se sentiu desfalecer diante de tal maravilha e, totalmente fora dela mesma, ela desmaiou[35]. Mas você pode compreender o quanto era pouca coisa toda a riqueza e a majestade de

[35] Cf. I Reis 10: 1-13 e 2 Crônicas 9: 1-12.

Salomão, em comparação com a riqueza e a glória que é o próprio Cristo e que ele nos preparou no santo sacramento da eucaristia, pois, se nos é possível receber tudo o que pertence à sua humanidade e permanecermos, no entanto, de posse de nós mesmos, quando vamos contemplar sua divindade presente diante de nós no sacramento, isto é um motivo de admiração tal que devemos nos elevar em espírito até um amor supraessencial, pois a admiração e o transporte nos fariam desfalecer diante da mesa de Nosso Senhor.

Mas é com devoção e amor afetivo que tomamos como alimento e que consumimos a humanidade de Nosso Senhor em nós mesmos, pois o amor atrai para ele tudo o que ele ama e, com um amor todo semelhante, Nosso Senhor nos atrai e nos consome nele e ele nos enche com sua graça. Então crescemos e nos elevamos acima da razão até um amor divino que nos faz tomar e consumir espiritualmente o alimento celeste e nos voltarmos, com um amor plenamente despojado, para a divindade. É lá que encontramos seu Espírito, seu amor imenso, que consome e transforma nosso espírito com todas as suas

obras, nos arrastando com ele para a unidade, onde se desfruta do repouso e da beatitude[36].

Desta forma então, devorar sempre e ser devorado, subir e descer com o amor é a nossa vida na eternidade. Foi isto o que pensou Cristo quando disse aos seus discípulos: *Desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer*[37].

Nossa Páscoa é Cristo, que recebemos no sacramento da eucaristia, como os Apóstolos reunidos juntos na Ceia ao redor do seu Mestre receberam eles mesmos, sob a forma de um alimento que alimenta o corpo e cada um deles nele encontrou um alimento eterno, por meio da fé, do amor e do desejo, que são como a boca da alma e foi assim que eles receberam como alimento o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus membros.

Não, todavia, segundo a quantidade material daquele corpo sentado à mesa do banquete. Aquela quantidade material ele havia escondido na substância do seu corpo e no sacramento, pois seu corpo estava vivo e se os Apóstolos o tivessem comido como um alimento comum, eles teriam sentido seu sofrimento.

---

[36] Cf. *O livro da mais elevada verdade*, cap. 08.
[37] Lucas 22: 15.

Mas ele lhes deu, por um processo sobrenatural, sua vida totalmente amável, sua carne, seu sangue, sua alma e sua divindade e isto foi o alimento espiritual deles, assim como o dele e o de nós todos. Ele permaneceu, no entanto, nele mesmo, tudo o que ele era, sem divisão e nem mudança em sua natureza.

Toda substância que Cristo tinha recebido da Virgem Maria, sua Mãe, ou seja, sua natureza humana, foi dada por ele e ele se entregou assim inteiro e individido de duas maneiras: seu corpo sob a espécie do pão e seu sangue sob a espécie do vinho. Permanecendo, no entanto, totalmente inteiro sem divisão sob cada uma das duas espécies, pois seu corpo é o suporte do seu sangue e seu sangue é o suporte vital do seu corpo. A alma é a vida dos dois e estes três elementos reunidos formam uma só vida indivisa, que é Cristo. Vida que ele a deu aos seus discípulos e que ele nos deixou no sacramento da eucaristia.

Da mesma forma como, de fato, na consagração, todas as hóstias nas mãos de todos os sacerdotes são todas, sem exceção, uma só substância e uma mesma natureza de pão, assim também, após a consagração, elas são a única substância do corpo de Nosso Senhor e que não pode ser dividido.

É preciso dizer o mesmo do vinho que é consagrado em seu sangue. Desta forma então, cada gota no cálice, sob cada parcela da hóstia consagrada, por menor que ela seja e em toda parte onde esteja a espécie do pão, Cristo está presente inteiramente, como ele está no céu, pois, apesar de que as parcelas e as hóstias estejam divididas, em todos os lugares, em um número grande de partes, o sacramento permanece um só e Cristo é um e indiviso em todo sacramento, por toda a terra.

Da mesma forma como a alma de uma pessoa vive em todos os seus órgãos e em cada um deles sem estar dividida e nem localizada, assim também o corpo glorioso de Nosso Senhor é vivo em todo sacramento, por toda terra, sem divisão nem encadeamento de lugar, de maneira a poder ser dado igualmente a todos os seus membros, ou seja, a todos aqueles que o desejam na fé cristã e cada um o recebe inteiro, segundo seu modo particular, conforme suas necessidades e seus desejos.

Isto é o que se chama de comunhão, ou seja, a participação comum, pois recebemos todos em comum o corpo de Nosso Senhor no sacramento da eucaristia, com cada um recebendo em particular tudo o que os outros recebem juntos e mesmo que os sacerdotes tomem na

missa o santo sacramento sob as duas espécies, eles não recebem, no entanto, mais do que os leigos, pois a consagração é dupla, a do cálice e a da hóstia, mas Cristo não deixa de estar inteiro e sem divisão sob cada uma das duas espécies.

Sem dúvida que um incrédulo pode ser suficientemente tolo para pensar e dizer a si mesmo: "O sacramento que Cristo consagrou foi totalmente consumido pelos Apóstolos que o rodeavam naquele momento. O que é então que fazem agora os sacerdotes?"

A esta pergunta, Cristo mesmo respondeu quando, imediatamente após a consagração, ele disse aos seus Apóstolos: *Fazei isto em minha memória*[38]. Ou seja: "Em memória do meu amor, da minha Paixão e da minha morte. Para recordar também que sou verdadeiramente Deus e humano, onipotente no céu e na terra".

Os Apóstolos recolheram estas palavras da boca de Nosso Senhor, segundo o sentido que ele tinha em vista. Eles as olharam como uma profecia, ao mesmo tempo em que, como uma ordem e um poder divino, ele dava a eles e a seus sucessores, para cumprir este ofício até o último dia.

[38] Lucas 22: 19 e 1 Coríntios 11: 24.

É por isto que, imediatamente após sua ascensão, quando eles receberam o Espírito Santo que lhes ensinou toda a verdade, eles começaram a celebrar a missa, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo[39] e seu Espírito falava pela boca deles, quando eles diziam na consagração: "Isto é o meu corpo, isto é o meu sangue".

Eles ordenaram bispos e sacerdotes da parte do Senhor e em seu nome, lhes dando o poder que tinham recebido de Deus para exercer as funções sacerdotais no mundo inteiro.

A Santa Igreja possui assim seu fundamento em Cristo e Cristo vive com ela. Ela está unida a ele desde o início e ela permanecerá de uma maneira estável de posse do seu ministério até o último dia.

Os sacerdotes, ao consagrarem o santo sacramento, são instrumentos voluntários de Nosso Senhor Jesus Cristo. É ele quem, pela boca de cada um e de todos diz: "Isto é o meu corpo, isto é meu sangue" e cada sacerdote consagra realmente o corpo de Nosso Senhor e todos juntos não consagram mais do que este mesmo corpo em toda verdade.

[39] Ruysbroeck emprega aqui a expressão totalmente teológica: "na pessoa de Nosso Senhor" (*in persona Christi*).

Eu termino então com a primeira marca de amor que Cristo nos mostrou e ensinou no santo sacramento da eucaristia.

O segundo testemunho de amor que vem em seguida nos é marcado nestas outras palavras da consagração: *Isto é o meu sangue; o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos em remissão dos pecados*[40]. Cristo as pronunciou quando fez de seu sangue uma bebida para seus Apóstolos e para nós todos, quando ele ia derramá-lo e sofrer a morte por amor e por causa dos nossos pecados.

Jamais se viu amor maior do que aquele do Filho de Deus entregando sua vida à morte e, com o preço desta morte, nos resgatando da justiça de seu Pai, para nos fazer viver com ele eternamente. Ele se ofereceu e nós com ele, à clemência do seu Pai, sofrendo uma morte ignominiosa e o Pai nos recebeu com ele na herança celeste do seu Filho.

Ai está porque Cristo fez uma dupla consagração, querendo nos deixar a lembrança do cálice de sua Paixão, que ele bebeu por amor, para nos libertar da morte eterna

[40] Mateus 26: 28.

e comprar para nós, do seu Pai, a vida da graça e da glória.

Isto é o que nos ensina a consagração do precioso sangue. Mas, a consagração do corpo de Nosso Senhor nos mostra a grandeza do seu sangue, que o levou a querer nos servir ele mesmo de alimento e de nutrição espiritual, para viver em nós e nós nele, como foi dito acima. Ele morreu por amor, para nos fazer viver e ele vive em nós, para que permaneçamos vivos nele pela eternidade.

Estas são duas marcas de amor tão elevadas que ninguém pode compreendê-las plenamente. Cada vez que participamos de uma missa e vamos ao sacramento da eucaristia, devemos nos compenetrar destas coisas e pensar no amor do Senhor, para nos esquecermos de nós mesmos e abandonarmos, para sua honra, qualquer outro amor.

Se nos advierem dor e sofrimento, poderemos pensar o que ele mesmo suportou e sofreu e o seguiremos por obediência e abandono de nós mesmos até a morte. Assim, poderemos desfrutar do amor pelo qual ele nos elegeu e amou desde toda eternidade, sem início.

CAPÍTULO 08

Quatro marcas do amor eterno de Deus.

Aqui estão agora quatro marcas do amor eterno de Deus, tão elevadas e tão grandes que toda a Santa Escritura, desde o início, tem nelas sua raiz[41].

A primeira é que Deus criou o ser humano por amor, à sua imagem e à sua semelhança. A segunda é que o Filho de Deus, a Sabedoria Eterna, assumiu por amor a natureza humana, revestindo-a com sua própria personalidade. A terceira consiste em que o mesmo Filho de Deus, Jesus Cristo, morreu por amor, nos resgatou com seu precioso sangue e depois nos purificou no batismo, de todos os nossos pecados. Foi assim que, nos elevando acima de nossa natureza, ele nos uniu a ele no espírito do seu amor. A quarta marca é que ele nos deu sua carne e seu sangue, tudo o que ele recebeu de nossa natureza e tudo o que ele é, Deus e humano, em alimento e em bebida, para viver em nós e dar vida nele por toda a eternidade.

[41] Cf. Santa Tereza d'Ávila. *Vida*. Cap. 40.

Observe agora com grande cuidado estas quatro marcas de amor. Eu vou explicá-las mais claramente ainda.

Deus, desde toda eternidade, amou tanto o mundo que ele nos deu seu Filho único de quatro maneiras.

Primeiramente, a Santa Escritura nos ensina que Deus Pai celeste criou todas as pessoas à sua imagem e à sua semelhança. Sua imagem é seu Filho, sua própria Sabedoria Eterna. "Todas as coisas tinham vida nele e tudo o que foi criado era vida nele"[42], diz São João. E essa vida não é outra coisa senão a imagem de Deus, na qual eternamente Deus conheceu todas as coisas e de onde vem todas as criaturas.

Desta forma então, essa imagem, que é o Filho de Deus, é eterna, anterior a toda criação. Foi em relação com essa imagem eterna que todos fomos criados[43], pois na parte mais nobre da nossa alma, domínio das nossas forças superiores, somos constituídos no estado de espelho vivo e eterno de Deus. Ali carregamos gravada sua

[42] Cf. João 1: 4. *Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos*.
[43] Cf. *Collationes Brugenses*, 1912, pag. 300 e seg.

imagem eterna e nenhuma outra imagem pode jamais entrar ali[44].

Incessantemente, esse espelho permanece sob os olhos de Deus e participa assim da imagem que está gravada na própria eternidade de Deus. Foi nessa imagem que Deus nos conheceu nele mesmo, antes que fôssemos criados e que ele nos conhece agora, no tempo, criados que somos por ele mesmo.

Esta imagem está, essencial e pessoalmente, em todas as pessoas[45]. Todos a possuem inteira e indivisa e todos juntos formam um só. Desta maneira, somos todos um, intimamente unidos em nossa imagem eterna, que é a imagem de Deus e a fonte em nós todos de nossa vida e de nosso chamado à existência. Nossa essência criada e nossa vida estão nela ligadas sem intermediário, como à sua causa eterna.

No entanto, nosso ser criado não se torna Deus, assim como a imagem não se torna criatura, pois somos criados à imagem, ou seja, para receber a imagem de Deus e essa imagem é incriada, eterna, o próprio Filho de

[44] *Imaginem del nihil minus Deo implore potest*. Cf. São Boaventura. Il Sent., dist. 8, p. II.
[45] Esta mesma expressão está em *A ornamentação das núpcias espirituais*, Livro II, cap. 57. Os dois termos são sinônimos da expressão única “existência essencial”, ou seja, o ato pelo qual a essência é suposta e para o ser racional pessoal.

Deus. Na essência de Deus, ela é toda a essência e, em sua natureza, ela é toda a natureza.

A natureza em Deus é fecunda, ela possui a paternidade, ele é Pai e, pela fecundidade dessa natureza, o Pai está no Filho e o Filho no Pai. Mas, o Filho está no Pai em sua qualidade de Filho e sem estar desligado dele, como um fruto imanente da natureza divina[46] e é por isto que a natureza pertence, ao mesmo tempo, ao Pai que gera sempre e ao Filho que é incessantemente gerado. Mas, no final da geração, o Filho é uma segunda pessoa eternamente gerada do Pai e, do seu amor mútuo, procede, como um ardor ardente, o Espírito Santo, a terceira Pessoa, que se espalha por todas as criaturas prontas para recebê-lo.

A parte superior de nossa alma está sempre pronta[47], porque ela é toda despojada e sem imagens. Ela contempla incessantemente e se inclina para seu princípio e é por isto que ela é como um espelho eterno e vivo de Deus, recebendo sempre e sem interrupção a geração eterna do

[46] Cf. São Tomás de Aquino. *Suma teológica*, 1a, q. XLI, a. 5.
[47] Isto é o que pode se chamar de uma força obediente, que possui a simples natureza, por via de criação e que a dispõe a receber a elevação à ordem sobrenatural.

Filho e a imagem da Santa Trindade[48], em quem Deus se conhece segundo tudo o que ele é, essência e Pessoas, pois essa imagem é toda essência e em cada uma das Pessoas ela é toda a natureza e essa imagem nós a possuímos todos, como uma vida eterna, fora de nós mesmos, antes de ser criada e, em nossa natureza criada, ela é a supraessência da nossa essência e vida eterna. Daí vem que a substância da nossa alma possui três propriedades que formam uma só na natureza.

A primeira propriedade da alma é uma nudez essencial sem imagens. Com isso, nos assemelhamos e somos unidos ao Pai e à sua natureza divina.

A segunda propriedade pode ser chamada de razão superior da alma. É uma claridade de espelho, onde recebemos o Filho de Deus, a Verdade Eterna. Por esta claridade, somos semelhantes a ele, mas, no ato de receber, somos um com ele.

A terceira propriedade nós chamamos de centelha da alma. É uma tendência íntima e natural da alma para sua fonte e é lá que recebemos o Espírito Santo, o Amor de Deus. Por esta tendência íntima, somos semelhantes

[48] Por imagem da Santa Trindade, Ruysbroeck quer se referir aqui à essência mesma de Deus, que é o ser soberanamente inteligente. Cf. a primeira frase do cap. 17.

ao Espírito Santo. Mas, no ato de receber, nos tornamos um espírito e um amor com Deus.

Estas três substâncias constituem uma só substância indivisa da alma, um fundo vivo, domínio das forças superiores.

Semelhança e união estão em nós por natureza. Mas, para os pecadores, elas permanecem ocultas em seu próprio fundo sob a camada de seus pecados.

Desta forma então, se queremos descobrir e conhecer o Reino de Deus que está escondido em nós, precisamos levar, interiormente, uma vida virtuosa e, exteriormente, uma vida bem ordenada e informada pela verdadeira caridade. Ao imitarmos Cristo em todas as maneiras, poderemos, por meio da graça, do amor e das virtudes, nos elevar até o ápice superior de nós mesmos, onde Deus vive e reina.

De fato, não podemos contemplar e nem conhecer a beatitude que é o próprio Deus através de uma luz natural e nem por nenhum artifício ou mecanismo qualquer, mas somente pela graça divina. É por isto que Deus nos deu as forças superiores da nossa alma e seus dons, que nos re-

novam, nos elevam acima da natureza e nos tornam semelhantes a ele pelo amor e pelas virtudes[49].

Essa semelhança sobrenatural com Deus, que nos dão a graça e as virtudes, eleva nossa memória até uma nudez de imagens, nosso intelecto, à verdade simples e nosso querer, à liberdade divina. Assim, somos semelhantes a Deus pela graça e as virtudes e, o que ultrapassa a semelhança, unidos a ele na beatitude.

Mas, quando o primeiro ser humano, Adão, deixou de obedecer e transgrediu a ordem do Senhor, ele perdeu ao mesmo tempo, com seu pecado, a semelhança com Deus. Ele foi banido do Paraíso e viu ser fechada a entrada do Reino de Deus para ele e para nós todos com ele.

Este foi o motivo para Deus nos dar a todos um segundo penhor de amor, enviando seu Filho único em nossa natureza para que ele fosse humano conosco e irmão de nós todos e o Filho de Deus se fez humilde para nos elevar. Ele se empobreceu para nos enriquecer. Ele se entregou ao desprezo para nos cumular de honrarias.

Porém, suas humilhações não o fizeram decair, pois ele permaneceu o que era, mesmo assumindo o que não

[49] Pode-se comparar o que disse aqui Ruysbroeck com o comentário de São João da Cruz sobre a primeira estrofe do *Cântico espiritual*.

era. Ele permaneceu Deus ao se tornar humano, para que o ser humano se tornasse Deus. Ele tomou a humanidade de nós todos, como um Rei toma as vestes de seus familiares e de seus servidores, de sorte que somos revestidos como ele com a mesma vestimenta, que é a natureza humana.

Mas, ao mesmo tempo, como um privilégio único, ele deu, à sua alma e a seu corpo nascido da totalmente pura Virgem Maria, a vestimenta real de sua personalidade divina. Por natureza, essa vestimenta só pertence a ele, pois ele é Deus e humano em uma só pessoa. Para nós mesmos sermos vestidos com ela, como ele, precisamos de sua graça, que nos dá o poder de amá-lo de uma maneira tal que renunciamos a nós mesmos e superamos nossa personalidade criada. Desta maneira, se constitui para nós a união com sua pessoa, que é a Verdade Eterna.

Por natureza, de fato, você sabe, somos todos nascidos *filhos da ira*[50], homicidas, trânsfugas do Reino de Deus. Isto foi por causa do primeiro ser humano que, com sua desobediência, perdeu a graça que ele deveria transmitir para todos os seus descendentes, na natureza humana. Para expiar este pecado, o Pai nos enviou seu

[50] Cf. Efésios 2: 3.

Filho, que tomou nossa natureza e, por operação do Espírito Santo, se fez humano.

Mas isto não bastou para que nossos pecados fossem perdoados, pois o Pai quis puni-los segundo a justiça. É por isto que ele entregou seu Filho à morte para expiar os pecados do mundo e o Filho se submeteu à morte e o Espírito Santo consumou esta obra em amor.

Este é o terceiro penhor de amor, que consiste em que o Filho de Deus nos libertou com sua morte e nos resgatou e pagou com seu sangue precioso diante da face do seu Pai. É então graças à sua morte que vivemos. Fomos purificados por ele na fonte de sangue e água que jorrou do seu lado. Seu sangue nos resgatou e a água nos une ao seu Espírito em amor.

Assim, permaneceremos incessantemente nele, formando um só espírito e uma mesma vida com ele e isto é o que nos mostra a água que se mistura com o vinho no cálice onde se consagra seu sangue, pois nessa água unida ao vinho na consagração, vemos o povo de Cristo que está unido a ele e vive em seu sangue e esta é uma vida que ninguém pode possuir e nem conhecer se não for cristão fiel, unido a Cristo em seu amor.

Por fim, há um quarto penhor de amor que Cristo deixou aos seus amigos de escolha que vivem nele. Este penhor nós o reconhecemos nisto: Cristo quis nos dar, como alimento e suporte, uma comida e uma bebida de grande preço: sua carne e seu sangue, que, de direito, só pertencem a ele.

Ele mesmo disse, de fato: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Este é o pão que desceu do céu. Quem come deste pão viverá eternamente*[51]

Isto deve ser entendido espiritualmente como se referindo a uma vida semelhante à dos anjos e dos santos, que têm Cristo como alimento e como bebida e sem a utilização de dentes ou boca, pois Cristo *é o pão que desceu do céu*. O Pai o enviou ao mundo e nós, com amor, o comemos e nos fartamos espiritualmente, como fazem os anjos e os santos no céu e como o próprio Cristo, em seu amor, nos consome todos nele.

Assim, consumir e ser consumido é ter uma vida eterna e bem-aventurada no Cristo e todas as vezes em que se pensa, por amor, no Bem-amado, ele é novamente comida e bebida. No entanto, aqueles que fazem assim têm

[51] João 6: 57 e 59.

mais desejos pelo santo sacramento, ao mesmo tempo que mais capacidade e aptidão que as outras pessoas, pois eles amam os meios e as práticas da Santa Igreja, tais como Cristo as estabeleceu e ordenou, para sua honra e a utilidade do seu povo. Assim, eles crescem incessantemente e se fortificam em graça e em todas as virtudes, tanto no interior quanto no exterior, pois tudo o que eles têm espiritualmente no interior, eles recebem também exteriormente no santo sacramento. Santos pelo que recebem e mais santos ainda pelo que possuem e os dois processos reunidos lhes dão a suprema santidade.

Aqueles que, pelo contrário, recebem o santo sacramento indignamente, em estado de pecado mortal, pronunciam contra eles mesmos uma sentença de condenação. Quanto àqueles que não o recebem nem em espírito e nem sacramentalmente, eles estão mortos perante Deus e vivendo apenas segundo a natureza, fora da graça.

Eu disse como devemos recebê-lo e como se consome e se é consumido.

CAPÍTULO 09

Causas e razões pelas quais Cristo quis se dar velado e oculto no santo sacramento da eucaristia e não à descoberto, na forma que ele possuía então na terra e que tem agora no céu.

Há muita gente grosseira e insensata que pretende ser mais sábia do que Cristo, a Sabedoria de Deus. Eles se perguntam por que Cristo quis se dar, no santo sacramento da eucaristia, velado e oculto, invés de aparecer à descoberto, tal como ele era então e que é agora no céu.

A Santa Escritura lhes dá a resposta, do dizer: *Deus contemplou toda a sua obra e viu que tudo era muito bom*[52] e tudo o que vem dele é bem ordenado.

O profeta Isaías também diz: *O povo que andava nas trevas viu uma grande luz. Sobre aqueles que habitavam a região da sombra da morte resplandeceu uma luz*[53].

Esta luz é Cristo, segundo as palavras de São João: *A luz resplandeceu nas trevas e as trevas não a compreenderam*[54].

---

[52] Gênesis 1: 31.
[53] Isaías 9: 1.
[54] João 1: 5.

É por isto que São Paulo ensina que atualmente vemos *como por um espelho*, confusamente e uma semelhança, mas na vida eterna, *veremos face a face*[55] a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós o conheceremos claramente como ele nos conhece agora.

Mas já podemos conhecê-lo desde já na luz da nossa fé, como o conheceram os Apóstolos, tanto antes de sua morte quanto após sua ressurreição. Eles viam uma pessoa, mas a fé deles dizia que era Deus e que a divindade se ocultava na humanidade. Da mesma forma, vemos com os olhos do corpo o santo sacramento da eucaristia e acreditamos que o corpo de Nosso Senhor se oculta nele para nós.

Se o Senhor, de fato, se mostrasse a nós com a glória e a claridade que ele tem no céu, não poderíamos suportar, pois nossos olhos são mortais e somente a claridade do corpo de Nosso Senhor nos cegaria e faria desfalecerem todos os nossos sentidos.

Vemos, com isto, o quão grande, acima de toda compreensão, deve ser a claridade espiritual de sua alma e de sua divindade. É por isto que, como você sabe, Nosso Senhor Jesus Cristo quis velar e envolver nos sacramen-

[55] 1 Coríntios 13: 12.

tos e nos sinais perceptíveis tudo o que ele nos deu como fundamento de nossa vida espiritual.

É assim com o batismo, que dá entrada na vida eterna. A água e as palavras consagradas o constituem plenamente.

Todos os outros dons que Cristo confiou à sua Igreja estão igualmente velados sob diferentes símbolos, como a crisma, o óleo, certas palavras e certos atos, sinais e sacramentos, tudo segundo regras fixas e segundo as necessidades de cada um.

Mas, sobretudo, o Senhor de todos os dons, Jesus Cristo, velou e oculto para nós sua carne e seu sangue no santo sacramento da eucaristia, pela virtude de suas palavras e ele o fez para nos obrigar a viver neste mundo, no meio de todos os seus dons, com uma fé firme e não na clara e gloriosa contemplação, pois é com fé íntegra que se merece a contemplação eterna.

Por isto, são insensatos aqueles que querem transportar a vida eterna e a glória de Deus para o tempo ou o tempo para a eternidade, pois as duas coisas são igualmente impossíveis. Ver Nosso Senhor como ele é no céu tornaria impossível, já que inumano, comer seu corpo e beber seu sangue. Mas, atualmente, é o sacramento que

comemos realmente e, por causa do sacramento, comemos a carne do Senhor e bebemos seu sangue em nossa alma, através da fé e do amor e assim, somos unidos a ele e ele a nós. Essa união amorosa, Cristo, a Sabedoria de Deus, a concebeu em seu espírito e a realizou na verdade em suas obras, tal como ela existia em figuras e em símbolos desde o início do mundo.

Observe bem esta união de amor que Cristo quer ter com todos nós. Antes da consagração, todas as hóstias que, no mundo todo, os sacerdotes têm diante dos olhos, formam em conjunto uma só substância de pão. Na consagração, pelo poder de Deus, a substância do pão é transformada na substância do corpo de Nosso Senhor. Mesmos substância e corpo que ele tem no céu e, no sacramento, nós o recebemos todos juntos substancialmente.

Mas, na substância, nós recebemos também tudo o que faz um com ele essencialmente, ou seja, o comprimento, a extensão e a grandeza. Tudo o que pertence ao corpo e que faz uma só coisa com a substância. Isto é o que todos recebemos no sacramento da eucaristia.

Desta maneira, o corpo de Nosso Senhor está, sacramentalmente, em todos os países, em todos os lugares,

em todas as igrejas. Podemos levantá-lo e depositá-lo, carregá-lo e conservá-lo na píxides, prendê-lo no cibório, dá-lo e recebê-lo.

Mas, quando se trata da forma que ele tem no céu, com suas mãos, seus pés e todos os seus membros e a plenitude da glória que ele possui diante dos anjos e dos santos, então ele não deixa o lugar onde está e sua morada lá é permanente. Sob esta forma, não podemos recebê-lo atualmente e nem jamais.

No entanto, no último dia, quando entraremos no céu com nossos corpos gloriosos, estaremos com o Senhor e no Senhor. Contemplaremos, com nossos olhos de carne, sua face gloriosa e ouviremos, com nossos próprios ouvidos, sua voz doce e cheia de amor e assim, nosso coração e nossos sentidos cheios de sua glória. A partir de então, nós nos fundiremos de amor e de alegria nele e ele em nós.

Mesmo que isto seja uma glória acidental no céu, porque ela vem do exterior e é sensorial, não podemos, no entanto, enquanto estamos aqui embaixo, contemplar sob tal claridade a face de Nosso Senhor, pois nossos sentidos não poderiam suportá-la.

Devemos então agora, caminhar na fé cristã e receber o santo sacramento da eucaristia com devoção, reverência e amor, para, depois desta vida, conhecermos e desfrutarmos da beatitude eterna. Amém.

CAPÍTULO 10

O quão diferentes são as pessoas que se aproximam do santo sacramento da eucaristia, umas para sua salvação eterna e outras para sua condenação.

Há agora distinções a serem feitas entre aqueles que recebem o santo sacramento da eucaristia, sejam eles clérigos ou leigos.

A primeira categoria pela qual eu começo compreende aqueles que, por natureza, tem a ternura de coração. Assim que são tocados pela graça de Deus, desde que, no entanto, eles a sigam e lhe obedeçam, sua afeição e seu desejo se aquecem e eles são movidos pelo amor pela humanidade de Nosso Senhor.

Assim, eles desprezam e abandonam facilmente tudo o que é do mundo, para se entregarem ao seu Bem-amado com toda pressa e com todo ardor de seus desejos e, como eles só podem se aproximar de Nosso Senhor no

sacramento da eucaristia, eles sentem uma ardente impaciência causada por seu amor íntimo e o desejo insaciável que eles têm de receber este sacramento, a tal ponto que eles pensam, às vezes, que vão perder os sentidos e morrer, se não puderem obtê-lo.

Mas há poucas pessoas deste tipo. Na maioria das vezes são mulheres ou moças ou homens em um pequeno número, pois essas pessoas têm uma compleição muito delicada e não são ainda elevadas e nem iluminadas segundo o espírito. Por isto, a prática da devoção delas permanece sensorial e afetiva, inteiramente ocupada pela representação da humanidade de Nosso Senhor e elas não podem conceber e nem compreender como se pode recebê-lo no espírito e fora do sacramento. Daí vem que elas definham interiormente por causa da afeição e do desejo que elas sentem por Nosso Senhor.

Ninguém então é capaz de racionalizá-las e nem acalmá-las, dar-lhes ajuda e nem repouso, antes que elas tenham recebido o sacramento. Mas, assim que o recebem, elas ficam plenamente satisfeitas e se entregam em repouso a seu bem-amado, sustentadas pelo gosto espiritual e a doçura superabundante que as inundam na alma e no corpo e isto dura até que uma nova graça e um novo

atrativo se apoderem de seu ser e de todas as forças de suas almas, pois, a partir de então, elas são tomadas novamente pela afeição e o desejo, com uma grande impaciência, como se nunca tivessem recebido nada. O coração delas se abre amplamente e aspira receber novamente o santo sacramento. Elas parecem realmente fora de sentido. Elas se parecem com aquele oficial real que pediu a Nosso Senhor que fosse até Cafarnaum e curasse seu filho, que estava a ponto de morrer e, como o Senhor lhe respondeu: *Se não virdes milagres e prodígios, não credes...*, o oficial insistiu: *Senhor, desce antes que meu filho morra*[56], pois ele não acreditava que Nosso Senhor pudesse curar seu filho se não fosse até sua casa e não colocasse a mão em sua cabeça ou fizesse algum sinal para curá-lo.

É da mesma maneira que se comportam essas pessoas em seu amor pelo santo sacramento, que é um sinal verdadeiro da presença do corpo de Nosso Senhor. A atração e o desejo pelo sacramento as jogam em um langor impaciente e, se dirigindo ao sacerdote e a Nosso Senhor, elas clamam: “Senhor, vinde até minha casa com vosso Sacramento, antes que eu morra de amor!”

[56] João 4: 46-49.

Enquanto dura esta disposição, elas mantêm a força e a coragem e estão ao abrigo de pecados graves, libertadas que são por Deus. Por isto lhes é permitido receber o sacramento a cada domingo e nos outros dias também, se for desejado lhes dar. Mas, se lhe for recusada esta graça, elas devem pensar que isto é a vontade de Deus e se lembrar então, para aplicarem-na a si mesmas, destas palavras do Senhor ao oficial real: *Vai! O teu filho está passando bem!*[57]

Quando a alma, de fato, em sua fé e em seu amor, deseja receber o santo sacramento, ela está cheia de graça. Ela vive em Deus e Deus nela. Este pensamento deverá bastar para consolá-la.

De compleição mais delicada do que o comum, essas pessoas estão sujeitas ainda às tendências naturais. Assim, quando elas querem rezar e se dedicar a contemplar a humanidade de Nosso Senhor com afeição e amor, elas são às vezes tomadas e perturbadas, contra a vontade delas e seu propósito, por impulsos do apetite animal, pois a prática delas é ainda sensorial e continua sob a influência da carne e do sangue.

[57] João 4: 50.

Ora, neste estado, quanto mais elas refletem sobre elas mesmas e pensam nos impulsos descontrolados da sensorialidade delas, mas esses impulsos aumentam e mais a natureza se volta para o que é desordem e erro.

Se elas querem, pelo contrário, triunfar dessas impressões e se manterem puras no serviço de Nosso Senhor, que elas se esqueçam delas mesmas e voltem todos os seus olhares para Aquele que elas amam. Desta maneira, sua imagem se imprime em sua alma, em seu corpo, em seu coração e em seus sentidos. Elas se tornam puras e triunfam de tudo o que poderia prejudicá-las.

Esta é a primeira categoria de pessoas que recebem dignamente o santo sacramento.

CAPÍTULO 11

Uma segunda categoria de pessoas.

A segunda categoria é mais elevada do que a precedente. Ela é composta por pessoas que têm o espírito delicado e aberto, mas com inclinações e concupiscências da natureza. Quando estas recebem a graça de Deus e permanecem nela, elas têm mais de um combate a sustentar, pois a carne se opõe ao espírito. É por isto que elas se de-

dicam à vida interior e aos exercícios espirituais sob os olhos de Nosso Senhor e, desta maneira, elas escapam a todas as tentações, emoções e rebeliões da carne e do sangue.

Mas, quando elas colocam em Deus a fé delas, a esperança e a confiança delas, invés de em suas próprias práticas e em suas obras, elas são elevadas acima da aplicação racional do intelecto até à luz divina.

Elas permanecem assim elevadas na luz divina, buscando e desejando o que ultrapassa a razão e permanece incompreensível, invés do que podem descobrir e compreender por elas mesmas, com a fé delas se tornando perfeita e o amor delas estabelecido em sua verdadeira base. Elas se tornam livres e conhecem Deus, a verdade e a raiz de todas as virtudes.

No entanto, a natureza permanece viva e a carne e o sangue se fazem sentir, assim como os desejos, a lentidão, a preguiça e todos os outros pendores descontrolados de antes. Mas, assim que essas pessoas os sentem e têm consciência deles, elas logo os rejeitam e desprezam nelas mesmas tudo o que se opõe a Deus e a seu espírito e tudo o que seria para elas um atraso e um obstáculo na busca de seu maior bem.

Fugindo assim da sensorialidade, elas se refugiam interiormente em seus espíritos, em face de Nosso Senhor, com fé e devoção e rezam humildemente, como fazia São Paulo quando era tentado na carne. É então, de fato, que o espírito de Nosso Senhor dá resposta à prece humilde, assegurando que a graça de Deus é suficientemente forte para vencer todas as tentações, *porque é na fraqueza que a virtude se aperfeiçoa*[58] em todos aqueles que lutam e se refugiam, através da prece, em seu espírito, na presença de Deus.

Essas pessoas se parecem com o centurião do Evangelho que já acreditava em seu espírito, mas que, no entanto, ainda era pagão e incircunciso. Ele comandava cem homens de armas que o serviam e o obedeciam em todo tempo, mas ele tinha um servidor que jazia sem forças em sua casa e sofria cruelmente de paralisia. Como ele rogou ao Senhor que o curasse, este lhe respondeu: *Eu irei e o curarei*. Então o centurião respondeu: *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa. Mas, dizei uma só palavra e meu servo será curado*[59]. Nosso Senhor lou-

[58] 2 Coríntios 12: 9.
[59] Mateus 8: 5-10.

vou a fé deste homem e, na mesma hora, seu servo ficou curado.

Acontece o mesmo com as pessoas de que falamos. Pelo tempo que elas sentem nelas mesmas os pendores impuros e são atraídas pelo pecado, o amor e a atração pela humanidade de Nosso Senhor estão nelas entravados e perturbados. Ao mesmo tempo, o servidor delas __ ou seja, a parte sensorial __ está em contradição com Deus e com a parte espiritual e o inimigo atormenta a sensibilidade delas, pois ela não quer seguir o espírito que se coloca com amor ao serviço de Nosso Senhor.

Enquanto esta luta perdura, elas não podem ter um fervoroso atrativo pelo santo sacramento, mas elas dizem, na humildade de seus corações:

"Senhor, sou impuro. Não sou digno de que vosso santo corpo venha, através do sacramento, sob o teto manchado do meu corpo. Senhor, ainda sou indigno de toda honra, de todo bem e de todas as consolações que as pessoas virtuosas obtém de vós. Eu preciso então incessantemente chorar, gemer e caminhar diante de vós com uma fé firme e, mesmo que eu seja pobre e abandonado, eu não vos deixarei, mas, clamarei e suplicarei incessantemente, até que minha fé tenha obtido da vossa graça a

cura do meu servidor. Eu vos louvarei então e eu vos servirei em minha alma e em meu corpo, com tudo de mim mesmo e com todas as minhas forças".

É desta forma então que agem as pessoas desta segunda categoria, que agradam a Deus mais ainda do as da primeira. Enfermas e sujeitas às inclinações da natureza, privadas de consolação e de doçura da parte de Deus, elas são, no entanto, em seus espíritos, cheias de fé, de devoção e de amor divino. Elas têm que lutar frequentemente contra o demônio, o mundo e sua própria carne.

Assim, elas precisam, no espírito, de um alimento forte que as tornem capazes de vencer todas as coisas e isto é o corpo de Nosso Senhor no sacramento da eucaristia. Elas deverão então recebê-lo todas as vezes que a regra delas, o ofício delas ou o louvável costume das pessoas espirituais que as rodeiam lhes permitirem.

CAPÍTULO 12

Uma terceira categoria de pessoas.

As pessoas virtuosas da terceira categoria são ainda mais santas e mais elevadas, segundo o espírito e a natureza. Recolhidas nelas mesmas e dóceis à influência da

graça de Deus, elas caminham em sua presença com um espírito livre e elevado, que arrasta atrás delas o coração e os sentidos, a alma, o corpo e todas as suas forças.

Elas são senhoras de seus espíritos e de suas naturezas e possuem assim a paz verdadeira, pois mesmo que possam sentir, de tempos em tempos, alguma emoção na natureza, elas se tornam prontamente vitoriosas dela, com nenhum impulso vicioso podendo durar nelas.

Elas possuem um verdadeiro conhecimento de Nosso Senhor, tanto de sua divindade quanto de sua humanidade e elas praticam este conhecimento com um espírito desprovido de imagens, quando elas entram nelas mesmas e se elevam com um amor puro até a natureza de Deus e quando se voltam para fora com amor no coração, elas carregam a marca da humanidade de Nosso Senhor.

Com o conhecimento e o amor crescem nelas o prazer e a experiência e quanto mais elas desfrutam e experimentam, mais elas desejam e aspiram, buscando e aprofundando e elas descobrem o amor em seus corações, em suas almas e em seus espíritos.

Essas pessoas se parecem realmente com Zaqueu, que é mencionado no Evangelho de São Lucas. Ele desejou ver quem era Jesus, mas foi impedido pela grande

multidão do povo, pois ele era pequeno e de baixa estatura. E correu então à frente da multidão e subiu em uma árvore, no lugar onde Jesus deveria passar. Mas, quando Jesus o percebeu, lhe disse: *Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa*. Este acolheu Jesus em sua casa com grande alegria e lhe disse: *Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo*. A isto, Nosso Senhor respondeu: *Hoje entrou a salvação nesta casa, porquanto também este é filho de Abraão*[60].

Com sua fé, de fato, ele subiu, ele viu e ele conheceu Jesus, segundo seu desejo. Depois, com sua obediência, ele desceu e recebeu humildemente, em sua casa, Jesus, que ele agora conhecia e amava. Por fim, com grande liberalidade, ele doou seus bens, retribuindo em quádruplo o erro cometido e assim ele mereceu ser justificado. Esta é sua vida, este é seu nome[61] e, por isto, ele possui a santidade e a beatitude e Jesus permanece sempre nele, neste mundo e na eternidade.

Observe agora como essas pessoas que mencionei acima se parecem com Zaqueu. Como ele, elas desejam

[60] Lucas 19: 1-10.
[61] Alguns manuscritos trazem: “Sua vida e seu nome estão escritos no Livro da Vida”.

ver e conhecer Jesus, mas toda razão, assim como toda luz natural é para isto muito curta e pequena. Assim, elas correm na frente de tudo o que é multidão e multiplicidade de criaturas. Depois, pela fé e o amor, elas se elevam até o cume de seus pensamentos, lá onde o espírito está desprovido de imagens e plenamente desembaraçado em sua liberdade.

É lá que Jesus pode ser visto, conhecido e amado em sua divindade, pois é lá que ele se apresenta sempre aos espíritos elevados e livres que, por amor a ele, superaram a eles mesmos. Ele se derrama em abundância de graças e favores, mas também diz a todos: "*Desce depressa, porque* a alta liberdade de espírito só pode se manter pela docilidade da alma e você deve me conhecer e me amar como Deus e como humano, ultrapassando em altura todas as coisas, mesmo que abaixado abaixo de tudo. Desta maneira, será sempre eu que você desfrutará. Então, que eu o eleve acima de toda coisa e acima de você mesmo, até a mim e, quando você se fizer humilde comigo e por mim abaixo de tudo e abaixo de você mesmo é então que eu devo entrar em sua casa e nela permanecer, de uma maneira estável, com você e em você e você comigo e em mim".

Quando essas pessoas são ensinadas assim, quando elas desfrutam destas palavras e têm esta experiência, elas se apressam a descer em um grande desprezo por elas mesmas, dizendo, na humildade de seus corações, com um real desprazer por suas vidas e suas ações: “Senhor, eu não sou digno, eu sou totalmente indigno de receber, sob o véu do sacramento, vosso corpo glorioso, na casa cheia de pecados do meu corpo e da minha alma. Mas, Senhor, tenha misericórdia e piedade da minha pobre vida e de todas as minhas faltas”.

Observe bem que, enquanto essas pessoas veem suas misérias e seus pecados, elas sentem um desprazer por elas mesmas e praticam diante de Deus um temor amoroso, um humilde desprezo por suas próprias pessoas e uma verdadeira esperança e, na medida em que se abaixam assim pelo desprazer e o desprezo por elas mesmas, em um verdadeiro sentimento de humildade, elas rejubilam Deus e se elevam perante ele com uma justa reverência.

A vida delas e a prática consistem então em se voltarem, por um lado, para Deus e em retornarem em seguida para elas mesmas. Quando elas se voltam assim para o interior, elas tendem para Deus com um espírito elevado e livre, em uma amorosa reverência e quando elas retor-

nam para elas mesmas, é para seu próprio desprezo e a-niquilamento. Elas consideram então tudo o que fizeram ou podem fazer de bem, exterior e interiormente, como não tendo nenhum valor, importância ou mérito qualquer aos olhos de Nosso Senhor.

Elas se dividem entre estes dois atos, olhando, uma hora, o interior e outra hora, o exterior e permanecendo sempre livres para fazerem uma coisa e outra à vontade[62].

O ato pelo qual elas olham para o exterior é segundo a razão. Ele tem por raiz a caridade e gera as boas práticas e as santas ações. Ele se alia a todas as virtudes e se exercita sempre sob o olhar de Deus.

Assim, aqueles que a praticam permanecem sempre puros, com uma consciência sem mancha. Eles crescem e se elevam incessantemente em graça e em todas as virtudes, perante Deus e perante as pessoas.

Quanto ao olhar interior, ele é praticado, uma hora, segundo a razão, com a ajuda de imagens e de modos. Outra hora, acima da razão, sem imagens e sem modos.

---

[62] Ruysbroeck vai explicar o que ele quer dizer com este duplo olhar, para o interior e para o exterior. É a alternância de um olhar que se volta uma hora para Deus e outra hora para a própria pessoa. Por um lado, ela se volta para Deus ao fazer abstração dela mesma e se eleva desta maneira para os diferentes degraus do conhecimento de Deus, com ou sem imagens. Por outro lado, ela retorna para ela mesma com humildes sentimentos e compreende o dever que tem de praticar a virtude e as boas ações.

Quando é submetido à razão, ele é acompanhado, ao mesmo tempo, de grandes desejos e cheio de sabedoria, pois aqueles que o praticam contemplam o amor e a bondade de Deus, onde se aprende toda sabedoria e eles recebem de lá toda verdade, humildade e liberdade.

É por isto que, se colocando em face da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, eles têm esta linguagem:

"Senhor, vós dissestes: *Sem mim, nada podeis fazer*[63] e também: *Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos*[64] e ainda: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*[65]. Senhor, quanto a mim, sou um pobre pecador, indigno do alimento celeste que sois vós mesmo. No entanto, Senhor, vós fostes dado e entregue para o pecador que tem desprazer com ele mesmo, que confessa e proclama com contrição seus pecados e que tem realmente confiança em vós. É nele que colocais vossa complacência, pois nos ensinastes que não viestes chamar os justos, mas os pecadores[66], para que eles se convertam e façam penitência por

[63] João 15: 5.
[64] João 6: 54.
[65] João 6: 57.
[66] Cf. Mateus 9: 13.

seus pecados. É por isto que eu ouso e ajo livremente, me esquecendo de mim mesmo e de todos os meus pecados, diante do vosso perdão, pois vós mesmo dissestes: *Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei*[67]". Vós nos ensinastes também que sois *o pão vivo que desceu do céu* e que *quem comer deste pão viverá eternamente*[68]. Vós sois a fonte de *água viva*[69] que, do coração do Pai, flui para nós, por uma operação do Espírito Santo. É por isto, senhor, que, quanto mais eu o como, mais tenho fome. Quanto mais eu o bebo, mais tenho sede, pois não posso absorvê-lo e nem consumi-lo, mas eu lhe rogo, Senhor, por causa da vossa excelência, que me absorva e consuma, de uma maneira tal que eu seja convosco e em vós uma só vida. Que em vossa vida, eu possa me elevar acima de mim mesmo, acima de todos os modos e práticas, até a realidade sem modos, até a caridade sem modo, onde vós sois vossa própria beatitude e a de todos os santos. Lá, eu encontrarei o fruto e o bem de todos os sacramentos, de todos os modos e de toda santidade".

---

[67] Mateus 11: 28.
[68] João 6: 51 e 52.
[69] João 4: 6-15.

Mas este fruto deve ser buscado com processos nos sacramentos e na vida santa e, no entanto, ele é descoberto sem modos ou medida por um amor eterno e sem fundo.

Na eternidade, permaneceremos em nós mesmos e seremos bem-aventurados, ordenados segundo os modos da glória, cada um em particular, segundo a medida de suas virtudes e do seu amor e, acima de nós mesmos, desfrutaremos de Deus e viveremos nele, fora de todos os modos, além de toda ordem, no amor sem fundo que é ele mesmo[70].

Aqueles que compreendem isto e estabelecem assim suas vidas podem receber a cada dia o santo sacramento, se se quiser lhes dar, pois tudo está em ordem neles, eles estão cheios de graça e de virtudes, no interior e no exterior, em todas as suas práticas.

Esta é a terceira categoria, que compreende as pessoas mais elevadas e as mais dignas de se aproximar do sacramento. Reconhece-se em suas vidas e em suas práticas, quatro qualidades. A primeira é uma consciência pu-

[70] Enquanto estamos na terra, a busca de Deus deve ser feita segundo os processos divinamente instituídos, como os sacramentos. Mas Deus recompensa, às vezes, essa boa vontade, se deixando descobrir fora de todo processo. Ruysbroeck parece distinguir também uma dupla forma de beatitude eterna. Uma, em conformidade com os méritos de cada um e a outra, pela qual Deus se dá a todos, sem distinção de méritos.

ra de todo pecado deliberado. A segunda é uma ciência e uma sabedoria sobrenaturais que guiam o olhar interior e o olhar exterior, ou seja, a contemplação e a ação. A terceira é a verdadeira humildade de coração, de vontade e de espírito, manifestadas nas maneiras, nas palavras e nas ações. A quarta qualidade, por fim, consiste em estar morto para tudo o que é propriedade ou vontade próprias, para entrar na livre vontade de Deus, para ser morto para as imagens que ocupam o entendimento, para se estabelecer na verdade desprovida de imagens, que é o próprio Deus, pois a simplicidade nua do espírito é o próprio templo da divindade.

Observe agora que Nossa Senhora possuía em sua vida e em sua prática estas quatro qualidades, quando ela concebeu Nosso Senhor. Ela era pura, de fato, virgem sem mácula e toda cheia da graça de Deus. Ela demonstrou sua ciência e sua sabedoria em suas perguntas e em suas respostas ao anjo que lhe ensinava a verdade inteira. Ela era fundamentalmente humilde e foi isto o que atraiu do céu para nossa terra o Filho de Deus. Por fim, ela estava morta para sua vontade própria e por isto ela disse: "*Eis aqui a serva do Senhor*. Sua vontade me é sobera-

namente desejável. *Faça-se em mim segundo a tua palavra*[71]".

Assim que o Espírito Santo ouviu esta resposta, ela rejubilou tanto seu amor divino que ele enviou para nós, no santuário de Maria, o Filho de Deus que nos curou de todo langor.

Observe e aprenda com isto, como Maria, eleita acima de toda criatura para ser Mãe de Deus, rainha do céu e da terra, escolheu, no entanto, por ela mesma, ser a serva de Deus e de todo o mundo.

Assim, quando ela concebeu Nosso Senhor, ela partiu para a região das montanhas, como uma humilde serva, a serviço de Santa Isabel, mãe de João Batista e ela permaneceu lá até que este nascesse.

Foi o mesmo que fez nosso querido Senhor Jesus Cristo, seu Filho, Deus e humano, depois de ter consagrado o santo sacramento, tê-lo dado aos seus discípulos e tomado ele mesmo, se cingiu com um lençol e se ajoelhando diante deles, lhes lavou os pés e depois os enxugou com o lençol que ele usava, dizendo: *Dei-vos o exem-*

---

[71] Lucas 1: 38.

plo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós[72].

Assim, nas ordens religiosas, aqueles que recebem um cargo ou prelado qualquer, que os obriga a prover todas as justas necessidades da comunidade, eles devem cumpri-lo com toda boa vontade e caridade, seja qual for a altura da sua contemplação e de sua vida e mesmo se eles recebem Nosso Senhor todos os dias. Se eles sentem dificuldades para entrar neles mesmos e para rezar, todo acumulados que estão pela representação das coisas que lhe são ordenadas e de que eles devem cuidar e pelas preocupações dos assuntos exteriores que tocam à comunidade, eles não devem, no entanto, por causa de tudo isto, se demitir, renunciar ao seu cargo ou se exoneraram. Mas é preciso que eles obedeçam até a morte a Deus, ao seu prelado e a toda a comunidade, em tudo o que é honesto, bom e útil a todos.

Eles devem, no entanto, poder conservar, quando se voltam para Deus, amor, temor e reverência e, em seu retorno para o exterior, desprezo e abnegação por eles mesmos.

[72] João 13: 15.

Tudo o que eles podem, aliás, fazer ou sofrer, que eles considerem como pouco e vejam como nada, com uma verdadeira humildade.

Que eles sejam, com relação à comunidade, assim como com relação a todo mundo, cheios de mansidão, afabilidade e de generosidade, prontos a assistir cada um com discrição, segundo suas necessidades, na verdadeira paz.

Aqueles que observam estas regras, sejam prelados ou de um nível inferior, podem sempre se aproximar do sacramento, o tanto que eles queiram e como faziam antes, pois eles têm mais conformidade dali por diante com a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e o ensinamento das Escrituras e se assemelham mais aos maiores santos do que se assemelhavam antes. Eles possuem a verdadeira raiz da perfeita contemplação e da perfeita atividade em todas as virtudes.

Eu poderia dizer a mesma coisa de todos aqueles que, fora da vida religiosa, se exercitam no retorno interior e na unidade com Deus e que, por outro lado, se voltam para o exterior, praticando boas ações para a utilidade do seu próximo, todas as vezes em que eles precisam.

Estes, de fato, são todos mais perfeitos, mais elevados, mais próximos de Nosso Senhor e lhe assemelham mais do que aqueles que se dedicam exclusivamente ao olhar e ao se voltar para o interior, sem se voltar para o exterior através de obras de caridade, desde que eles permaneçam senhores deles mesmos e que o serviço ao próximo exija.

Quem, no íntimo, só quer viver e contemplar, sem se preocupar em ajudar o próximo, não tem nenhuma vida íntima e nem verdadeira contemplação, mas em todas as suas vias está sempre enganado.

É preciso que, acima de tudo, você evite isto.

CAPÍTULO 13

A quarta categoria de pessoas.

Depois, há uma quarta categoria de pessoas que devem ir ao sacramento. São pessoas dotadas de boa vontade, que, buscando sinceramente a honra de Deus e sua própria salvação, se esforçam para observar os preceitos, as regras e os bons costumes que lhes são ensinados ou que eles leem nos escritos dos antigos, tais como estes estabeleceram antes deles com suas palavras e suas ações.

Eles sabem, assim, como devem se portar no coro, no capítulo, no refeitório, no dormitório e na enfermaria. Quando devem se calar ou falar, jejuar ou se alimentar. Quais observâncias eles devem seguir quando estão doentes ou com saúde, sempre segundo a regra e as forças da natureza, com sábia discrição.

Em todas as coisas, eles fogem de sua vontade própria, obedecendo humildemente, praticando sempre algum bem quando estão com saúde, mansos e pacientes quando estão doentes, lutando e dominando, enfim, incessantemente, a carne, o sangue e tudo o que é do mundo.

Esta é a regra comum a todos aqueles que são bons, monges e monjas. Mas, se eles são negligentes em suas ações ou suas omissões, com suas inobservâncias grandes ou pequenas, no que quer que seja, enfim, que a consciência lhes censure ou lhes denuncie como pecado, eles farão bem em se confessar e em se acusar humildemente ao sacerdote, com contrição de coração e depois, fazer penitência segundo as indicações, colocando em Deus uma boa confiança.

Assim, eles poderão livremente ir ao sacramento, se confiando à graça de Deus, todas as vezes que a regra comum ou o bom costume os conduzir a ele.

Quanto às outras pessoas espirituais que, fora das ordens religiosas, são de boa vida e obedecem a Deus, à Santa Igreja e aos seus superiores, no que diz respeito ao jejum, a celebração das festas e a todas as práticas usadas pelos bons cristãos, na medida em que podem e com discernimento, elas irão também ao sacramento, segundo a opinião do seu confessor e os costumes do lugar onde moram.

CAPÍTULO 14

A quinta categoria de pessoas.

Aqui está a quinta categoria daqueles que vão ao sacramento. São pessoas preocupadas e cheias delas mesmas, que se acreditam justas e santas, hábeis e sábias mais do que todos, para o que deve ser feito ou omitido. Elas não são iluminadas por Deus e, por isto, têm uma grande estima por elas mesmas e por suas obras.

Na maioria das vezes, elas visam o efeito, querendo parecer santas e serem famosas por isto. Elas querem

sempre ter a vantagem sobre as pessoas, quer se trate de se confessar ou de receber o sacramento e quando alguém faz mais do que elas, elas se chateiam e ficam magoadas, pois parece que lhe cometeram uma ofensa, quando lhe passaram à frente. Elas são suscetíveis e melindrosas, querendo que sejam louvadas e honradas, mas não humilhadas ou contrariadas. Serem chamadas de santas, serem rodeadas de honrarias e bem-estar, isto elas aceitam de bom grado. Em nenhuma coisa elas suportam ser dirigidas, ensinadas e nem repreendidas, mas querem elas mesmas dirigirem, ensinar e repreender todos aqueles que se aproximam delas e ainda que, na igreja, se dediquem a ler, a rezar, a se ajoelhar em bela forma, assim que retornam às suas casas se mostram duras, ásperas, rabugentas, repressivas, difíceis de lidar por todos os seus empregados e todos aqueles que as rodeiam.

No entanto, elas têm a ousadia e a audácia de irem frequentemente ao sacramento, pois tudo o que fazem lhes parece justo e bem feito ou somente uma falta leve, quando não jogam em cima dos outros as suas próprias faltas.

Assim, na medida em que essa gente se compraz com elas mesmas, seus espíritos permanecem cheios de

orgulho e eles são incapazes de reconhecer o mal que nasce de uma raiz assim, pois eles acreditam merecer todas as considerações e terem sempre razão em todas as coisas.

Se, nestas circunstâncias, elas podem evitar o pecado mortal, por causa da ignorância delas e das múltiplas confissões que fazem, a vida delas, no entanto, é muito perigosa. Quando elas se confessam, deve sempre ser demonstrada severidade para com elas, repreendê-las e castigá-las por seu orgulho e lhes dizer com toda franqueza: “Rigorosamente, por causa da misericórdia do Senhor, pode-se lhe dar o sacramento nas grandes festas, para que você não fique sem esperança e para que você possa ser paciente. Mas, se você fosse manso e humilde, você poderia incessantemente se alimentar com o Cristo e crescer nele e, ao mesmo tempo, se beneficiar com todas as virtudes”.

CAPÍTULO 15

A sexta categoria de pessoas.

A sexta categoria de pessoas que podem receber o santo sacramento compreende, de uma maneira geral,

todos aqueles que amam suficientemente Nosso Senhor e sua própria salvação para não consentirem jamais em cometer voluntariamente, conscientemente e de propósito deliberado, um pecado mortal

O temor e o amor a Deus e a eles mesmos os levam a observar seus mandamentos e os da Santa Igreja, para o que deve ser feito ou omitido e para todas as coisas que se impõem de pleno direito e necessariamente.

Uma vez ao ano, ou seja, na Páscoa, eles desejam confessar e admitir ao sacerdote seus pecados pequenos e grandes, com toda franqueza, tais como eles os cometeram, segundo todas as circunstâncias em que eles podem ser e se considerar culpados. Depois, eles querem receber o santo sacramento, segundo a regra e o costume dos bons cristãos. Eles são decididos, aliás, a obedecer sempre de bom coração e a fazer penitência por seus pecados, segundo a vontade do seu confessor e segundo as circunstâncias e a espécie dos seus malfeitos.

Aqueles que vivem assim estão na via comum pela qual se vai ao céu. Via que todos os cristãos devem, necessariamente, seguir, para serem salvos. Não sem, no entanto, severas penitências e um longo purgatório.

CAPÍTULO 16

A sétima categoria de pessoas.

Em seguida vem a sétima categoria de pessoas que merecem ser desprezadas e rejeitadas por Deus. O sacramento da eucaristia não lhe será dado em sua vida e nem em sua morte, a menos que façam penitência.

São, primeiro, os pagãos, os judeus e todos os infiéis. Depois, são os maus cristãos que blasfemam e desprezam Cristo, que não estimam seu augusto sacramento ou não acreditam que ele esteja presente nele com sua carne e seu sangue. Eles são todos reprovados.

As sugestões e as tentações sem consentimento da vontade não são, é verdade, suprimidas pela graça. É preciso combatê-las e vencê-las pela fé, para que se mereça a recompensa e não a reprovação. No entanto, é mais santo, mais fácil e melhor praticar simplesmente a fé, acima da razão, sem nenhuma dificuldade ou luta.

Há ainda outras pessoas más e diabólicas que dizem que são Cristo em pessoa ou que são Deus, o céu e a terra foram feitos por suas mãos e elas as suportam com tudo o que existe. Superiores a todos os sacramentos da Santa Igreja, elas não precisam deles e não os querem.

Quanto às ordenações e costumes eclesiásticos e tudo o que os santos deixaram em seus escritos, elas zombam deles e nada retêm deles. Mas o desregramento, uma heresia detestável e os costumes selvagens que eles mesmos inventaram, isto é o que eles consideram santo e perfeito.

O temor e o amor a Deus fugiu de seus corações. Eles não querem conhecer nem o bem e nem o mal e afirmam ter descoberto neles, acima da razão, o ser sem modos. Assim lhes parece, na loucura deles, que todas as criaturas racionais, boas ou más, anjos ou demônios, se tornarão, no último dia, uma só essência sem modos e eles dizem que essa essência será Deus, de natureza bem-aventurada, sem conhecimento e nem vontade[73].

Esta é, como você observa, a opinião mais ímpia e mais tola que jamais foi ouvida desde o início do mundo. No entanto, muita gente que parece espiritual são seduzi-

[73] Este é o panteísmo professado pela seita dos "espíritos livres" que, no meio do século XIV infestou o Brabant. Herdeira das associações dos *béguards* e das *béguines* heréticos, espalhados pelos Países Baixos desde o século anterior, esta seita acreditava na identidade entre a criatura e Deus. A pessoa que chega à consciência da sua unidade com Deus está livre, descomprometido com qualquer lei, impecável em tudo o que faz. É de se imaginar as consequências morais que poderia ocasionar tal doutrina. Os "irmãos do espírito livre" se recusavam, além disto, reconhecer qualquer autoridade na Igreja e demonstravam desdém por toda prática exterior. O quietismo deveria mais tarde retomar, com atenuações, a maior parte de seus ensinamentos.

das por estas ideias e outras semelhantes e se tornam piores do que demônios.

A incredulidade deles é condenada pelos pagãos e pelos judeus, pela lei natural e pela razão, assim como por tudo o que é dito na Escritura sobre os maus e os bons, os anjos e os demônios e pelas palavras, enfim, do próprio Deus e por suas ações.

Nossa fé católica, de fato, nos ensina que Deus é Trindade na Unidade e Unidade na Trindade e que sua natureza é de se conhecer e de amar a ele mesmo e de desfrutar intimamente do seu próprio ser. Estas três propriedades são nele invariáveis e eternas, sem começo e nem fim.

Ao mesmo tempo, ele é, nele mesmo, a regra, o modelo e como que o espelho de todas as criaturas e é segundo este exemplar que ele criou tudo na ordem, no modo, no peso e na medida que convém e assim, ele está em todas as coisas e todas as coisas estão nele.

Esta vida ideal que temos em Deus faz um com ele e ela é bem-aventurada por natureza. Mas, como os anjos, temos outra vida que Deus criou do nada, para durar eternamente. Ela não pode ser bem-aventurada por natureza, mas, pela graça de Deus, ela pode se tornar.

Se então, ao recebermos a graça, possuímos fé, esperança, conhecimento e amor, nossas ações se tornam virtuosas e agradáveis a Deus e nos elevamos acima de nós mesmos, para nos unirmos a ele. Mas nenhuma criatura pode jamais se tornar Deus.

Os próprios anjos no céu não foram criados bem-aventurados, mas eles receberam a graça de Deus e aqueles que se voltaram para ele através do conhecimento e o amor se tornaram bem-aventurados, firmes e estáveis e unidos a Deus em um prazer eterno.

No entanto, eles não se tornaram Deus e jamais podem se tornar, mas eles se mantêm incessantemente em presença do Senhor, cada um separadamente e segundo a distinção do seu estado e da sua ordem, tais como eles as receberam de Deus na natureza, em graça e em glória e com seus próprios méritos.

Assim eles permanecerão eternamente e nós todos com eles, ocupados em conhecer e em amar, em dar graças, em louvar e, acima de tudo, desfrutar de Deus, com cada um em sua ordem, na companhia dos anjos, segundo o que lhe é digno e que mereceu por suas virtudes.

Aí está porque Nosso Senhor disse que *os anjos no céu contemplam sem cessar a face* do *Pai que está nos céus*[74].

Mas, se os bons anjos se voltaram para Deus e receberam a beatitude, os maus anjos, pelo contrário, se desviaram, por orgulho, de Deus, para eles mesmos, se comprazendo com a nobreza e o encanto que haviam sido dados à sua natureza. Eles desprezaram a graça e o voltar-se para Deus e imediatamente foram condenados e derrubados do céu nas trevas malditas, onde devem permanecer eternamente.

Portanto, são piores do que os demônios as pessoas hipócritas e sem fé que desprezam Deus e sua graça, a Santa Igreja e todos os seus sacramentos, a Santa Escritura e todas as práticas da virtude, pretendendo viver acima de todos os modos, livres de tudo, perdidos no vazio como quando não existiam, renunciando a todo conhecimento, todo amor, toda vontade, todo desejo, toda prática de virtude, para serem vazios de todas as coisas e, porque querem pecar e se entregarem à sua malícia impura, sem consciência e sem temor, eles dizem também que, no último dia do julgamento, anjos e demônios, bons e maus

[74] Mateus 18: 10.

se tornarão todos uma só e simples substância de Deus, sendo todos uma só e mesma beatitude essencial, sem conhecimento e nem amor a Deus e, depois disto, eles acrescentam, Deus será sem querer, sem conhecimento, sem amor, nem por ele mesmo e nem por nenhuma criatura.

Esta é mesmo a maior desordem, a mais maldosa e a mais tola incredulidade que jamais foi ouvida. A estes, não se dará o santo sacramento, nem na vida e nem na morte e eles não serão sepultados com os cristãos. Eles mereceriam mesmo que fossem queimados em um poste, pois, perante Deus, eles estão condenados e pertencem aos poços do inferno, bem longes e bem profundos, abaixo de todos os demônios.

Há também, vocês sabem, todos aqueles que vivem em pecado mortal e imitam o mundo com uma vida grosseira, sem temor, amor ou reverência para com Deus, não obedecendo a Deus, a Santa Igreja e nem à fé cristã. Eles não irão ao sacramento, como também os orgulhosos e os perseguidores de seus próximos.

Avarentos, gananciosos, sem coração, raivosos, invejosos, cruéis e malfeitores que atacam, blasfemam, xingam e brigam, fazem usura, monopolizam, estão prontos

para tudo, são tortuosos, enganadores e maus conselheiros, falsos e sem nenhuma credibilidade em tudo o que fazem, são preguiçosos e pesados, sem nenhuma virtude capaz, mas zelosos, cheios de pressa, de ardor para o pecado, são intemperantes, gulosos e semelhantes a porcos, embriagados de manhã e também à tarde.

Que eles sejam tão loucos não é de se admirar. Eles só pensam em comer, em beber até encher a barriga. Este é o deus deles. Eles são joguetes do diabo.

Eles querem se encher com uma quantidade enorme de comida e de bebida sem medida. Não há nada de bom a se tirar disto, pois é querer uma vida impura, dar ao seu corpo plena satisfação, em palavras, em ações e em atitudes. São mesmo recipientes do diabo, pois são escravos do pecado. O demônio é, de pleno direito, o senhor deles.

Veja em que círculo perverso estão todos aqueles que decaíram da graça de Deus. Não é preciso lhe dar o sacramento, pois toda a vida deles é uma queda, a menos que, através da contrição, eles retornem e busquem o perdão do Senhor, pois a graça de Deus está totalmente pronta para aqueles que querem corrigir seus malfeitos.

Desta forma então, quando o pecador se converte, deplora e confessa suas faltas diante do sacerdote, com a

vontade de fazer penitência, é Deus quem o acolhe. O sacerdote se rejubilará então com os anjos e os santos e lhe dará o sacramento, seja qual for o momento do ano.

Mas, àqueles que, em sua consciência, sem a volta para eles mesmos e nem contrição, perseveram na maldade, estejam eles à morte ou no decorrer de suas vidas, não se dará a eles o sacramento e eles não serão sepultados com os cristãos, pois enquanto a pessoa persiste em sua má vontade e permanece sem a contrição por seus pecados, não há papa e nem sacerdote vivo que possa absolvê-lo e, se ele morre, está condenado.

Encontram-se também pessoas que são dotadas de uma boa natureza e de um feliz temperamento, alegres de coração, generosas e compassivas, de sangue quente e fáceis de se relacionar, levadas facilmente ao bem ou ao mal, segundo a sociedade em que frequentam. Elas caem, às vezes, em numerosos pecados graves, mas, assim que elas veem ou percebem alguma coisa boa da parte daqueles que são bons, elas se deixam facilmente levar pelo remorso e o medo de seus pecados e retornam contritas à penitência.

Entre outras, a consciência se revela sob a influência da doença e o medo da morte ou então, um tempo propí-

cio como a Quaresma, os sermões e outras práticas de penitência em uso na Santa Igreja têm por resultado tocá-los interiormente pela contrição e fazê-los tomar consciência de seus malfeitos. Então, dóceis à graça de Deus, eles deploram e confessam seus pecados e desejam dar uma satisfação a Deus, à Santa Igreja e a todas as pessoas, como estiver em seu poder. Unindo assim a vontade deles a Deus, eles podem ir ao sacramento, apoiados em sua misericórdia.

Apesar de que eles caem frequentemente, eles se deixam sempre mais facilmente conduzir e são mais dispostos a se levantar do que outros que têm uma têmpera mais dura e mais maligna e quando permanecem firmes, eles se beneficiam também mais em graças e virtudes do que aqueles cujo temperamento é mau e desnaturado.

Todos aqueles que, na Quaresma, se conformam ao bom costume e fazem com lealdade e contrição de coração sua confissão, que aceitam a penitência prescrita por seu confessor e têm também o bom propósito de viver segundo a vontade de Deus, agindo ou se abstendo e praticando uma verdadeira caridade para com Deus e para com seus irmãos na fé, todos estes receberão, na Páscoa, Nosso Senhor, estando em graça com ele, na opinião do

seu confessor e em verdadeira humildade de alma e de corpo.

Há também todas as pessoas que, vivendo no mundo, se mantém de acordo com Deus e com a Santa Igreja e têm uma boa vontade tal que, com a graça de Deus, eles se mantêm firmes e se guardam de pecados graves.

Que eles sejam casados ou não, senhores ou servidores, compradores ou vendedores, em qualquer gênero de negócios que seja, de trabalho ou comércio honesto, eles não querem, de nenhuma maneira, enganar ou lesar o outro, roubar ou reter o que não lhe pertence, mas, verídicos e corretos em todas as coisas, eles só têm em vista e só desejam viver segundo os mandamentos de Deus e da Santa Igreja, sem ódio, nem inveja, nem aversão por ninguém, generosos e compassivos, pelo contrário, em face de todas as necessidades.

Eles participam de bom grado da missa e ouvem as instruções. Eles têm o temor, a reverência e o amor por Deus e por todas as pessoas de bem. Eles lamentam e confessam humildemente perante o sacerdote todas as suas deficiências e se submetem à penitência e a outras boas ações. Mesmo que ocupados com mil assuntos exteriores, para ganharem seu pão e o de sua família ou da-

rem esmolas aos pobres, eles podem, no entanto, confiantes na misericórdia de Deus, receber o sacramento da eucaristia em todas as festas, se eles assim o desejarem, pois, mesmo que eles caiam muitas vezes em faltas veniais, eles têm, segundo o poder deles, uma boa e correta vontade em todas as coisas.

Observe agora com cuidado quem são as pessoas de boa vontade cujo querer está unido a Deus em todas as coisas, para agir, para se abster ou para suportar. Essa boa vontade nasce do Espírito Santo e assim, ela é um instrumento vivo e dócil com o qual Deus faz o que ele quer.

A bondade na vontade da pessoa é o amor de Deus infuso que a faz se dedicar às coisas divinas e a toda virtude. A bondade de nossa vontade é a graça de Deus e nossa vida sobrenatural derramada em nós para nos ajudar a combater e a vencer todo pecado. Unida à graça de Deus, a boa vontade nos torna livres e nos eleva acima de nós mesmos, para nos unir a Deus em uma vida contemplativa. Quando ela se volta para Deus, ela é o espírito coroado de amor eterno e quando ela se volta para fora, ela governa as boas obras exteriores. Ela mesma é o Reino onde Deus reina com sua graça. Nela vive a caridade, o

amor de Nosso Senhor. Acima dela mesma, ela é bem-aventurada e unida a Deus. Através dela, morremos para o pecado e adquirimos uma vida virtuosa. Nela, enfim, temos paz e tranquilidade perfeitas e enquanto vivemos assim, podemos receber Nosso Senhor no sacramento da eucaristia, tão frequentemente quanto quisermos, ou em nosso espírito, através do amor.

CAPÍTULO 17

A vida espiritual superior que está em nós e a vida contemplativa.

Existem almas que, ultrapassando a simples prática das virtudes, descobrem nelas mesmas e reconhecem uma vida superior[75], ou seja, uma vida onde se unem o incriado e o criado, Deus e a criatura.

Você deve saber, de fato, que possuímos uma vida eterna no exemplo divino que é a Sabedoria de Deus. Essa vida permanece sempre no Pai, ela flui com o Filho e é refletida com o Espírito Santo na mesma natureza e as-

[75] *Levende leven*: literalmente significa “uma vida viva”. Esta expressão já é encontrada na pena de Guigue le Chartreux († 1137). Cf. MIGNE, Patrol, lat., CLXXXIV, 353 e o sermão 17e de São Bernardo: *Ibi vere vivitur, ubi vivida vita est et vitalis*. P. L., CLXXXIII, 250.Cf. o sermão *De brevitate vitæ*, que faz parte do tratado: *De modo bene vivendi*, nas obras de São Bernardo, P. L., CLXXXIV, 1301, *Æterna vita est vitalis, ista est mortalis*.

sim vivemos eternamente em nossa imagem da Santa Trindade e da Unidade paterna e, de lá, temos uma vida criada fluindo da mesma Sabedoria em quem Deus conhece sua força, sua sabedoria e sua bondade e é sua imagem pela qual ele vive em nós.

Desta imagem de Deus, nossa vida tira três propriedades, que nos dão a semelhança com a imagem recebida, pois nossa vida tem o ser, ela contempla e ela retorna sem parar para a fonte de nossa natureza criada[76]. Lá, vivemos de Deus e por Deus. Deus vive em nós e nós nele. Isto é uma vida superior que está em nós todos essencialmente e por natureza, pois ela está acima da esperança e da fé, acima da graça e de toda prática de virtudes e é por isto que sua essência, sua vida e sua ação formam um todo único e essa vida está oculta em Deus e na substância de nossa alma.

Mas, como ela está em nós por natureza[77], há quem possa percebê-la fora da graça, da fé e de qualquer prática das virtudes. São pessoas que se dedicam ao recolhimento natural acima das imagens sensoriais, na simplicidade

[76] Isto repete que temos em nós a imagem das três Pessoas da Santa Trindade: a imagem do Pai em nosso ser, a imagem do Filho em nosso intelecto que contempla, a imagem do Espírito Santo em nossa vontade que faz voltar para Deus.
[77] Cf. *Collationes Brugenses*, 5952, pag. 432 e seg.

nua de sua essência e eles acreditam então serem santos e bem-aventurados.

Outros imaginam mesmo ser Deus e, para eles, nada é bom ou mau, desde que possam se despojar das imagens, descobrir e possuir sua própria essência em um estado de vazio absoluto.

São pessoas hipócritas e sem fé, que eu já mencionei acima na sétima categoria e a quem não se deve dar o sacramento da eucaristia. Eles são absolutamente falsos e carregam a maldição de Deus e da Santa Igreja.

Mas agora, eleve seus olhos acima da razão e acima de toda prática das virtudes e olhe com um espírito amoroso e olhos atentos esta vida superior que é a raiz e a causa de toda vida e de toda santidade.

Pode-se considerá-la com um glorioso abismo da riqueza de Deus e como uma fonte viva onde nos sentimos unidos a Deus e que jorra em todas as nossas forças em graças e em dons múltiplos, cada um recebendo em particular segundo suas necessidades e segundo o que lhe é digno. Nessa fonte de vida superior, somos todos unidos a Deus, mas, nas correntes de graças que escapam dela, há distinção, com cada um de nós recebendo em particular o que lhe convém.

No entanto, permanecemos sempre mutuamente unidos pela caridade e a comunidade de natureza humana, mas, sobretudo, pela vida superior onde somos todos unidos a Deus. Essa união com Deus ultrapassa a razão e os sentidos. Ela nos dá um só espírito e uma mesma vida com Deus e essa vida, ninguém pode vê-la, descobri-la e nem possuí-la, se não estiver, pelo amor e a graça de Deus, morto para si mesmo na vida superior, batizado nessa fonte, tendo recebido, do Espírito de Deus, um novo nascimento na liberdade divina. Depois, é preciso permanecer sempre interiormente unido a Deus na vida superior e pela riqueza e a plenitude do seu amor, se renovando incessantemente e fazendo jorrar, sob a influência da graça, todas as virtudes.

Observe que esta é uma vida eterna e celeste, nascida do Espírito Santo e alimentada incessantemente pelo amor entre Deus e nós, pois Deus opera eternamente no vazio de nossa alma e temos todos uma vida eterna com o Filho, no Pai e esta mesma vida jorra do Pai e nasce dele com o Filho. Ela é eternamente conhecida dele com o Filho e amada no Espírito Santo.

Possuímos assim uma vida superior, que eternamente está em Deus antes de toda criação. Foi segundo

esta vida que Deus nos criou. Não que ele tenha nos tirado dela e nem de sua substância, mas fomos criados do nada e nossa vida criada está ligada à vida eterna que possuímos em Deus como à sua causa eterna, que lhe é própria por natureza.

É por isto que nossa vida criada é, sem intermediário, uma só vida com a que possuímos em Deus e a vida eterna que possuímos em Deus é sem intermediário e uma com Deus, pois ele é um exemplo vivo de tudo que ele criou. Ele é a causa e o princípio de todas as criaturas. É com uma só visão, enfim, que ele se conhece e conhece todas as coisas e tudo o que ele conhece distintamente no espelho de sua sabedoria __ imagens, ordem, formas, razões __ tudo isto é verdade e vida e ele mesmo é essa vida, pois nele não há nada além de sua própria natureza.

No entanto, todas as coisas estão nele como em sua causa, sem existência própria. É por isto que São João disse: "Tudo o que foi feito era vida nele"[78] e essa vida é ele mesmo.

Todos temos então, acima de nosso ser criado, uma vida eterna em Deus, como em nossa causa viva que nos

---

[78] Cf. João 1: 3 e 4. *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos*.

fez e nos criou do nada, mas não somos Deus e não fomos feitos por nós mesmos.

Não somos também emanados de Deus, segundo a natureza, mas, porque Deus nos conheceu e quis eternamente nele mesmo, ele nos fez, não pela natureza, nem por necessidade, mas na liberdade do seu querer. Ele conhece, aliás, todas as coisas e tudo o que ele quer, ele pode realizar, no céu e na terra.

Ele é, em nós, luz e verdade. Ele se mostra no alto do nosso ser criado, elevando nosso pensamento em pureza, nosso espírito até a liberdade divina e nosso entendimento até uma nudez sem imagens. Ele nos ilumina com a Sabedoria Eterna e ele nos ensina a olhar e contemplar sua riqueza insondável. Lá, há vida sem esforço, no meio da fonte de toda clemência. Lá estão o gosto e o sentimento da beatitude eterna, a satisfação inteira sem que o repouso lá seja jamais fastidioso.

Apressemo-nos então para ultrapassar tudo o que foge com o tempo, para podermos exultar com o amor, pois a eternidade nos espera.

No início do mundo, quando Deus quis fazer o primeiro ser humano e lhe dar nossa natureza, ele disse, na

Trindade das Pessoas: *Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança*[79].

Ora, Deus é um espírito. Falar, para ele, é conhecer e operar é querer. Ele pode tudo o que ele quer e toda sua obra é graciosa e bem ordenada. Ele criou então cada alma no estado de espelho vivo onde ele imprimiu a imagem de sua natureza. Desta maneira, ele vive em nós através de sua imagem e nós nele, pois nossa vida criada é, sem intermediário, uma com essa imagem e com essa vida que temos eternamente em Deus e a vida que temos em Deus é, sem intermediário, uma com Deus. Ela vive no Pai com o Filho não produzido externamente. Ela nasce do Pai com o Filho e ela flui de um e de outro com o Espírito Santo e assim vivemos nós eternamente em Deus e Deus em nós[80].

Nosso ser criado, de fato, vive na imagem eterna que temos no Filho de Deus e nossa imagem eterna é uma com a Sabedoria de Deus e vive em nosso ser criado e é por isto que a geração eterna e a procissão do Espírito Santo se renovam sempre e incessantemente no vazio de

[79] Gênesis 1: 26.
[80] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 25.

nossa alma, pois Deus nos conheceu eternamente, amou, chamou e elegeu.

Se, por nossa vez, consentimos em reconhecê-lo, em amá-lo e nos apegarmos a ele, seremos santos e bem-aventurados, eleitos para a eternidade. Nosso Pai celeste nos mostrará então, no alto de nossa alma, sua claridade divina, pois somos seu Reino e ele habita e reina em nós e, assim como o sol do céu penetra com seus raios, ilumina e fecunda toda a terra, da mesma forma, a claridade de Deus, que reina na parte superior do nosso espírito, espalha, em todas as nossas forças, brilhantes e claros raios, ou seja, seus dons divinos da ciência, da sabedoria, da clara inteligência, da consideração racional e da discrição em todas as virtudes. Isto é o verdadeiro ornamento do Reino de Deus em nossa alma.

Mas o amor imensurável que é o próprio Deus reina na pureza do nosso espírito como um braseiro de carvões ardentes. Ele faz jorrar centelhas brilhantes e inflamadas que remoem e abrasam, com um amor de fogo, o coração e os sentidos, a vontade e o desejo, todas as forças da alma, em uma tempestade, um entusiasmo, uma impaciência de amor sem medida.

Estas são as armas com as quais lutamos contra o terrível e imenso amor de Deus que quer consumir todos os espíritos amorosos e engoli-los nele mesmo. O amor, de fato, nos arma com seus dons e ilumina nossa razão. Ele nos dá ordem, conselho e aviso para nos opormos, lutarmos e mantermos contra ele nosso direito ao amor, pelo tempo que pudermos, nos dispensando para isto força, ciência e sabedoria. Por ele, todas as nossas forças sensoriais são arrastadas para um sentimento interior. Ele faz com que nosso coração ame, deseje, desfrute e dê à nossa alma contemplar e fixar seu olhar. Ele derrama em nós a devoção e nos faz subir em chamas ardentes.

É no amor, enfim, que nosso intelecto retira o conhecimento e o gosto da Sabedoria Eterna. É ele que estimula a força amorosa e faz arder e fundir em reverência nosso espírito perante sua face.

Observe que é preciso aqui que nossa razão se afaste, assim como toda obra distinta, pois nossas forças se tornam simples no amor, elas se calam e se inclinam em presença do Pai.

Esta revelação do Pai, de fato, eleva a alma acima da razão, a uma nudez sem imagens. A alma, nela, é simples, pura e sem mácula, vazia de todas as coisas e é neste es-

tado de vazio absoluto que o Pai mostra sua clareza divina. A esta clareza não podem servir nem a razão e nem os sentidos, nem a consideração e nem a distinção. Tudo isto deve permanecer abaixo, pois a clareza sem medida cega os olhos da razão e os obriga a ceder à luz incompreensível.

Mas, acima da razão, no mais profundo do intelecto, o olho simples está sempre aberto, ele contempla e fixa a luz com um olhar puro, iluminado pela própria luz, olho contra olho, espelho contra espelho, imagem contra imagem. Este triplo processo nos torna semelhante a Deus e nos une a ele, pois a visão, para nosso olho simples, é um espelho vivo que Deus fez para sua imagem e onde ele a imprimiu. Sua imagem é sua divina claridade com a qual ele preencheu todo o espelho da nossa alma, para que nenhuma outra claridade ou imagem possa entrar nela.

Mas a claridade não é intermediária entre nós e Deus. Ela é isto mesmo que vemos e a luz que nos faz vê-la, mas não nosso olho que vê, pois mesmo que a imagem de Deus seja sem intermediário sobre o espelho da nossa alma e esteja unido a ela, no entanto, a imagem não é o espelho e Deus não se torna criatura. Mas, a união da i-

magem ao espelho é tão grande e tão nobre que a alma é chamada de imagem de Deus.

Além disto, esta mesma imagem de Deus que recebemos e que carregamos em nossa alma é o Filho de Deus e o espelho eterno da sabedoria divina, onde estamos todos vivos, impressos eternamente. No entanto, não somos a Sabedoria de Deus, pois nós teríamos criado a nós mesmos, o que é impossível e contra a fé.

Mas tudo o que somos e tudo o que temos nos vem de Deus e não de nós mesmos e mesmo que a nobreza da nossa alma seja grande, ela permanece oculta ao pecador, assim como a muitos bons e tudo o que podemos conhecer na luz natural é imperfeito, sem gosto e sem sabor, pois não podemos contemplar Deus e nem descobrir em nossa alma seu Reino sem a ajuda da sua graça e nossa dedicação ao seu amor.

CAPÍTULO 18

A vida que se aniquila no amor[81].

[81] Cf. *O livro do reino dos amantes de Deus*, cap. 25.

É em Nosso Senhor Jesus Cristo, como em um espelho plenamente fiel, que Deus se mostra a quem ele quer, ou seja, àqueles que renunciam a si mesmos e obedecem à sua graça em todas as circunstâncias, para agir ou para se abster e para praticar todas as virtudes.

Pela fé, a esperança e a caridade, eles se elevam acima de todas as suas ações até a visão nua da alma, que é o olho simples sempre aberto, acima da razão, no próprio fundo do nosso intelecto. Lá se mostra a verdade eterna que inunda nossa visão nua, ou seja, o olho simples da nossa alma, cuja essência, vida e operação consistem em contemplar, em voar, em correr e em ultrapassar sempre nosso ser criado, sem olhar e nem voltar atrás.

Bem-aventurados os olhos que veem e a quem Deus mostra seu Reino e sua glória que é ele mesmo, pois nosso Pai celeste vive no reino de nossa alma como nele mesmo. Lá, acima de nossa compreensão, no domínio do nosso intelecto, ele nos dá sua claridade incompreensível e o Pai com o Filho fazem fluir em nós seu amor insondável que ultrapassa a atividade da vontade.

Nossa vontade, nossa boa vontade, em seu fundo mais íntimo, é a centelha inflamada, a atividade da alma.

O Pai nela gera seu Filho e seu amor mútuo e sem limite nela flui.

Mas a atividade divina nós não podemos apreendê-la e ela ultrapassa nossa compreensão, pois todas as nossas forças, com suas ações, devem se apagar e se submeter à transformação de Deus. Nela, estamos sob a ação e a influência transformantes do Espírito de Deus. Nela, somos filhos de Deus pela graça e não por natureza. Nela, nos tornamos simples, pois todas as nossas forças enfraquecem em suas próprias obras, elas derretem e fluem em face do amor eterno de Deus.

Aí está porque se diz que essa é uma vida que se aniquila no amor.

CAPÍTULO 19

O estado de vazio na natureza simples e a pureza do espírito.

Compreenda bem agora, elevando bem alto seu espírito, pois aqui a pessoa ultrapassa todas as suas forças e sua atividade e chega a um estado de vazio na natureza simples e na pureza do espírito.

Ora, este estado de vazio é em nós o desaparecimento de todas as imagens. A natureza simples é o olhar voltado para a verdade eterna. A pureza do espírito é a união com o Espírito de Deus, lá onde nos sentimos unidos com Deus, uma unidade em Deus, um mesmo espírito com Deus e nos superando em Deus.

Esta união viva que experimentamos com Deus é ativa e se renova sempre entre nós e ele. De fato, o beijo e o abraço nos mostram uma dualidade que não nos permite permanecer em nós mesmos.

Vivos acima da razão, não somos, no entanto, sem razão e temos consciência de tocar e de sermos tocados, de amar e sermos amados, de recomeçar sempre e de reentrar em nós mesmos, de ir e de vir como relâmpago no céu, pois lutar assim e combater no amor é nadar contra a corrente: não podemos cruzar e nem superar a nossa natureza criada.

O toque de Deus, esse esforço íntimo e profundo da criatura, é o último intermediário entre nós e Deus, onde nos unimos a ele em um encontro mútuo de amor. Dessa fonte viva, de fato, do Espírito Santo, agente de nossa união a Deus, jorra com abundância um fluxo tão poderoso, tão divinamente impetuoso que não podemos pene-

trar no abismo do seu amor sem fundo. Isto é o toque de Deus e é por isto que nos mantemos sempre em nós mesmos, acima da razão e sem imagens, com os olhos fixos na beleza incompreensível e tendendo para elas com todas as nossas forças[82].

Estas são as três propriedades da natureza da alma, sua vida e sua ação e é assim que ela é semelhante a Deus em sua parte mais alta e mais nobre, lá mesmo onde ela responde à Santa Trindade de Deus[83].

Lá, de fato, ela é vazia, sem imagens, habitação do Pai, seu templo e seu reino e o mesmo Pai gera seu Filho, sua claridade infinita, diante dos olhos da alma bem abertos e atentos. Ele faz fluir seu Espírito e dá seu amor como prêmio por este íntimo esforço do espírito humano rumo à eternidade.

Quando agimos, guardamos sempre a semelhança na pureza do nosso espírito, pois reconhecemos em nós mesmos que nosso olhar e nosso esforço tendem para outro que não nós mesmos e nisto temos semelhança.

---

[82] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*, Livro II, cap. 51.

[83] As propriedades da alma de que fala Ruysbroeck são aquelas que ele enumerou no início do capítulo: o estado de vazio da natureza simples e a pureza do espírito. Ele só faz aqui explicá-las segundo a definição que ele deu acima.

Mas quando é Deus quem age, seu Espírito exerce sobre nós sua influência e nos submete à transformação de sua claridade e do seu amor. Então, há mais do que semelhança e nos tornamos filhos de Deus pela graça.

E quando sentimos em nós que nossa atividade e nosso esforço vão para ele e que, por outro lado, sustentamos sua ação e seu trabalho, é por causa da sua luz, enquanto que em seu espírito desfrutamos do seu amor.

A união nos torna um mesmo espírito, um mesmo amor, uma mesma vida com ele, mas permanecemos sempre criaturas, pois, mesmo que transformados em sua luz e arrebatados por seu amor, reconhecemos bem e sentimos que somos outros e não ele.

Assim, é preciso incessantemente direcionar para ele nossos olhares e nossos esforços. Esta é nossa obra para a eternidade, pois não podemos perder nosso ser criado e nem superá-lo tanto que não permanecêssemos para sempre outros e não Deus. O Filho de Deus bem que pôde tomar nossa natureza e se fazer humano, mas ele não nos fez Deus.

Muitas pessoas vivem ainda no pecado, são ímpias e carregam sua condenação. Mas o mesmo Filho de Deus tem uma alma criada do nada e também um corpo for-

mado do sangue puríssimo da Virgem Maria; alma e corpo que são tão dele e tão bem unidos que ele é tudo ao mesmo tempo: Filho de Deus e filho de Maria; Deus e humano em uma só pessoa e assim como a alma e o corpo formam uma só pessoa, assim também o Filho de Deus e Jesus filho de Maria são um único e mesmo Cristo vivo, Deus e Senhor do céu e da terra, pois sua alma santa é informada pela Sabedoria de Deus. Ela não é Deus, no entanto, nem de natureza divina, pois Deus não se torna criatura. Mas as duas naturezas, permanecendo distintas, são unidas em uma só pessoa divina: Jesus Cristo, nosso caro Senhor.

Ele está sozinho com Deus acima de todas as criaturas, um príncipe vivo e onipotente no céu e na terra e ninguém mais lhe assemelha, pois sua humanidade é cumulada com todos os dons de Deus e possui a plenitude de toda santidade e enquanto tudo o que os outros santos receberam desde o princípio do mundo e podem ainda receber para sempre é dividido entre eles, segundo a vontade de Deus, a humanidade de Nosso Senhor recebeu sozinha a plenitude indivisa de todas as graças que, a partir daí, fluem sobre todas as criaturas que elas vão reno-

var e só ele é a fonte de todo bem que possuímos ou podemos obter de Deus.

CAPÍTULO 20

A dignidade e o grande poder de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que deve nos iluminar em toda verdade, segundo nossas necessidades. Desde o princípio, de fato, quando sua alma foi criada e unida à Sabedoria de Deus, ela era de um entendimento tão claro e uma inteligência tão luminosa que ela conhecia distintamente todas as criaturas presentes e futuras. Ela recebeu do alto, das mãos do Pai celeste, força e poder sobre todas as coisas do céu e da terra, para que pudesse, à vontade, dar e receber, ordenar à morte e à vida, realizar prodígios e milagres, perdoar os pecados, conferir a graça e a vida eterna, pois tudo o que Deus criou foi submetido à sua humanidade segundo todos os seus poderes. O Espírito Santo repousou em sua alma e em sua natureza humana com todos os seus dons. Ele a fez rica, generosa, pródiga dele mesmo para com todos, segundo as necessidades e os desejos de cada um.

O Senhor era humilde, paciente, manso e misericordioso, pleno de graça e de fidelidade, obediente, abandonado em sua vontade, sem reprovação e ele se deixou desprezar e se rejeitar abaixo de todas as pessoas. Prostrado de joelhos, ele adorou seu Pai e depois se entregou à morte para nos tornar bem-aventurados e nos fazer viver com ele eternamente.

Ele é nossa regra e o espelho segundo o qual devemos viver. Sua humanidade é uma chama de claridade divina que iluminou o céu e a terra e que brilhará eternamente. Seu nome abençoado de Jesus estava previsto desde toda a eternidade, pronunciado e escolhido e o anjo anunciou à Virgem Maria, sua Mãe, que ele seria Filho de Deus e seu Filho, Deus e humano em uma mesma pessoa.

Foi assim que ele nos foi dado para nos consagrar sua vida, nos servir e nos ensinar, nos resgatar e nos libertar com sua morte, nos purificar, enfim, dos nossos pecados, em seu sangue precioso. Depois, ele subiu acima de todos os céus, acima de todos os coros dos anjos e ele carrega a coroa, sentado à direita do seu Pai, totalmente semelhante em glória e em poder. Diante dele, todos os joelhos dobram, pois ele é Senhor de todos os senhores e

Rei de todos os reis e seu Reino não tem fim e nem começo.

No entanto, há pessoas ímpias e insensatas que afirmam ser Cristo ou mesmo Deus. No entanto, eles não têm sabedoria, nem graça divina, nem poder e nem virtude. Assim, eles estão, invés disto, mais destinados ao inferno, pois só há um só Deus e um só Cristo e este mesmo Cristo é Deus e humano, o que pertence somente a ele. No último dia, quando ele julgará os bons e os maus, estes verão bem que não passam de pessoas condenadas e não Deus. Que eles não são também Cristo, é o que eu quero lhe mostrar claramente.

A humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo não tem, de fato, subsistência por ela mesma, pois ela não é sua própria personalidade, como em todas as outras pessoas, mas o Filho de Deus é sua hipóstase e sua forma. Desta forma então, ela é informada por Deus e a união hipostática lhe confere sabedoria e poder acima de tudo o que é inferior a Deus. Assumida assim por Deus, ela possui dignidade e sabedoria, santidade e beatitude, acima de toda criatura e o Senhor é o único herdeiro do Reino de Deus por natureza e por graça, pois ele é o primogêni-

to do seu Pai e de sua Mãe, príncipe e chefe de todos os seus irmãos.

Mas, se ele quiser e se, por sua graça, nós nos tornarmos dignos, ele nos fará participar de sua herança e do Reino do seu Pai, pois ele nos prometeu, desde que o sirvamos, estarmos onde ele estiver, ou seja, em corpo e alma, no palácio da glória de Deus.

Assim então, estaremos lá, por toda a eternidade, tendo cada um nossa glória própria, revestidos com nossas obras, ornamentados e consumados em virtudes e em amor e Jesus nos mostrará sua face gloriosa mais clara do que o sol e ouviremos sua amável voz mais doce do que qualquer melodia.

Nós nos sentaremos em sua mesa e ele nos servirá[84] como faz um príncipe nobre para sua família bem-amada e seus amigos de escolha. Toda honra e toda glória que ele recebeu do seu Pai celeste nos serão transmitidas por ele, enquanto que nós o desejaremos muito mais do que a nós mesmos e foi isto o que ele quis dizer quando falou: *Pai, quero que, onde eu sou, estejam comigo aqueles que*

[84] Cf. Lucas 12: 37. *Bem-aventurados os servos a quem o senhor encontrar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: cingir-se-á, fá-los-á sentar à mesa e passará servindo-os.*

me deste, para que vejam a glória que me concedeste, porque me amaste antes da criação do mundo[85].

Nós a veremos, de fato, nós seremos totalmente revestidos por ela, ela ultrapassará nossas obras e nossos méritos e assim, nós nos rejubilaremos e glorificaremos no Senhor e em nós mesmos. A alegria encherá o coração e os sentidos, a alma e o corpo e ela será transbordante eternamente e sem fim.

Esta será a maior beatitude que poderemos desfrutar com nosso querido Senhor Jesus Cristo em seu Reino eterno.

CAPÍTULO 21

A verdadeira contemplação e uma explicação sobre a vida superior que está em nós.

Agora, eleve toda sua alma e sua visão nua acima de todos os céus e de tudo o que é criado, pois eu quero lhe mostrar a vida superior que está oculta em nós e que encerra nossa beatitude mais elevada. Eu já a mencionei, mas sem explicá-la suficientemente. Se, aliás, eu não pro-

[85] João 17: 24.

cedi nesta matéria com suficiente ordem, eu sabia e fiz com intenção, me reservando completar agora o que eu omiti.

Olhem agora e compreendam, vocês todos que se e-levaram na luz divina. Eu não me dirijo a ninguém mais, pois eles não poderiam me entender.

A vida superior que Deus estabeleceu em nós pode ser considerada de quatro maneiras: quanto à sua nature-za, sua prática, sua essência e sua superessência.

CAPÍTULO 22

Explicação da natureza da vida.

A natureza da vida eterna que possuímos consiste para nós em sermos nascido de Deus e essa vida faz um só com Deus, ela vem de Deus a nós e ela retorna de nós a ele.

Foi voluntariamente, de fato, que nosso Pai celeste nos gerou e elegeu em seu Filho. Assim, somos filhos de Deus pela graça e não pela natureza, pois é na graça de Deus que temos uma sobrenatureza e uma vida eterna e ninguém pode percebê-la e nem descobri-la sem a graça.

Mas, se queremos perceber e descobrir em nós essa vida eterna, devemos, por meio do amor e da fé, nos elevarmos acima da razão, até a simplicidade do olhar. Lá, descobriremos, gerada em nós, a claridade de Deus, ou seja, a própria imagem de Deus que transformou nosso olho simples e nenhuma outra imagem pode penetrar ali.

No entanto, podemos conhecer, em uma luz pura, tudo o que está acima de Deus, se ele quiser nos mostrar.

A imagem de Deus é recebida pelo olhar de cada um inteira e sem divisão. Ela se dá a cada um e permanece, nela mesma, um todo indiviso. Quando nós a recebemos, é por ela que a conhecemos. Mas, quando somos arrebatados e transformados por sua claridade, nós nos esquecemos de nós mesmos e formamos um com ela. Assim, vivemos nela e ela em nós, mesmo que permaneçamos sempre distintos em substância e em natureza.

A claridade de Deus que vemos em nós não tem princípio e nem fim, nem tempo e nem lugar, nem caminho e nem trilha, nem forma nem figura nem cor. Ela nos abraça, nos pega e nos penetra inteiramente e ela mantém bem aberto o olho que ela tornou simples e ele permanece assim para sempre e não podemos mais fechá-lo.

Esta é a primeira consideração que diz respeito à natureza da vida eterna gerada por Deus.

CAPÍTULO 23

A prática da vida superior.

Em seguida vem a segunda consideração, que é relativa à prática da vida superior entre nós e Deus.

Compreenda bem e eleve seu olhar interior até o ponto mais alto de você mesmo, lá onde você faz um com Deus, pois a união com Deus é para nós um estado vivo e eterno, onde Deus habita em nós e nós nele.

Essa união é viva e fecunda, ela não pode permanecer inativa, mas ela se renova sem parar em amor, com novos encontros, por causa da habitação mútua que ninguém pode fazer parar. Nela, só se vê atrair e seguir, dar e receber, tocar e ser tocado.

Nosso Pai celeste, de fato, habita em nós e ele mesmo vem nos visitar, nos elevando acima da razão e de toda consideração. Ele nos despoja de toda imagem e nos arrasta até nosso princípio. Lá, só encontramos uma nudez desértica e sem imagens, que responde sempre à eternidade. É lá que o Pai nos dá seu Filho e que esse

mesmo Filho visita nossa visão nua, com a claridade infinita que ele é em pessoa, nos chamando e nos ensinando a fixar e a contemplar essa própria claridade.

Então percebemos a claridade de Deus em nós mesmos, nos vemos nela e somos unidos a ela e, embora ela nos envolva, não podemos apreendê-la, pois nossa faculdade de compreender é criada e a claridade é Deus.

Então deixamos nosso olhar correr com ela e segui-la nessa corrida através do comprimento e da largura sem fim, da altura e da profundidade sem modos nem medida e, mesmo que estejamos unidos a ela de uma maneira simples, não podemos, no entanto, alcançar e nem apreender o que nos ultrapassa.

É aqui que o Pai é visto no Filho e o Filho no Pai, já que eles são um em natureza e vivem assim em nós e nos dão o Espírito Santo, seu amor mútuo, que com eles é uma só natureza e um só Deus habitando em nós, pois Deus não é dividido nele mesmo e o Espírito Santo se dá, por sua vez e vem nos visitar, ele toca a centelha ardente de nossa alma, sendo assim o princípio e a fonte de um amor eterno entre nós e Deus.

O amor é praticado livremente e sem timidez. Ele é, por sua natureza, ávido e liberal. Ele reclama incessante-

mente e, ao mesmo tempo, se oferece. Ele dá e toma. O amor de Deus, de fato, é ávido e exige da alma tudo o que ela é e tudo o que ela pode dar.

A alma, por seu lado, é rica e generosa e ela não quer dar tudo o que o amor devorador deseja e reclama, mas ela não pode vencer, pois não passa de um ser criado, que sempre permanece e não se deixa expulsar.

Assim, apesar de tudo o que o amor absorve, devora, consome e exige da alma, além de suas forças e mesmo que ela queira, por sua vez, se dissolver e se aniquilar no amor, é preciso, no entanto, permanecer incessantemente e não perecer.

O amor de Deus, pelo contrário, é de uma liberalidade sem limite. Ele apresenta e mostra à alma tudo o que ele é, querendo se dar a ela livremente. Por seu lado, a alma amorosa se torna singularmente devoradora e ávida e, se abrindo enormemente, ela deseja ter tudo o que lhe é mostrado.

Mas ela é criatura e não pode compreender e nem abranger o todo de Deus e é por isto que ela deve se esforçar, aspirar com todas as suas forças e permanecer sempre sedenta e faminta. Quanto mais ela se esforça e se

lança com ardor, mais ela vê que a riqueza de Deus lhe escapa e isto se chama correr para o que foge sempre.

Observe como está em poder do amor dar e tomar e isto é praticar o amor em nossa vida superior. Aqueles que tiveram esta experiência sabem bem que digo a verdade.

CAPÍTULO 24

A essência da vida superior.

A terceira consideração que vem em seguida trata da consideração da vida superior, onde somos um com Deus acima de toda prática do amor, em uma fruição eterna.

Não é uma questão de agir ou de padecer, mas uma inação bem-aventurada, alguma coisa que ultrapassa a união, a unidade com Deus, onde ninguém age, a não ser Deus, pois sua ação é ele mesmo e sua própria natureza e quando ele age, permanecemos inativos, totalmente transformados e unificados em seu amor, mas não um na natureza, pois isto seria ser Deus e não ter nosso ser, o que seria impossível.

Mas, acima da razão e fora da razão, recebemos um claro saber em que não há mais distância entre nós e Deus. Nós superamos nós mesmos e, acima de toda ordem percebida, somos transportados para fora do espírito em seu amor.

Então, não há mais pedido e nem desejo, não há mais dar e nem receber, mas somente uma essência bem-aventurada e inativa, coroamento e recompensa essencial de toda santidade e de todas as virtudes.

Foi isto o que desejou nosso querido Senhor Jesus Cristo, quando disse: *Pai, quero que todos aqueles que me deste sejam um, como nós somos um*[86].

Não, sem dúvida, em todas as maneiras, pois ele é um com seu Pai na natureza, já que ele é Deus. Ele é um também conosco em nossa natureza, já que ele é humano. Ele vive em nós e nós nele por meio de sua graça e de nossas boas obras e assim, ele é unido a nós e nós a ele.

Por sua graça e com ele amamos e buscamos nosso Pai celeste. Esse amor e essa busca nos unem a ele, mas sem nos tornar um com ele, pois o Pai nos ama e nós o amamos de volta e, neste amar e ser amado, sentimos

---

[86] Jean 17: 24, 22 e 11. No cap. 13 do *Livro da mais alta verdade*, este mesmo texto é aplicado ao que Ruysbroeck chama de união sem diferença.

sempre uma distinção e uma dualidade e esta é a característica do amor eterno.

Mas quando, acima de toda prática do amor, somos abraçados e tomados, com o Pai e o Filho na unidade do Espírito Santo, então somos todos um, como Cristo, Deus e humano, é um com seu Pai em seu mútuo amor sem limite e este mesmo amor nos consome todos juntos em uma fruição eterna, ou seja, em uma essência bem-aventurada e sem ação, fora da compreensão para toda criatura.

CAPÍTULO 25

A superessência da vida superior.

No estado de inação que acabo de mencionar, quando então somos um com Deus em seu amor, nasce um estado supraessencial de contemplação e de conhecimento, o mais elevado que se pode expressar com palavras. Isto se chama viver morrendo e morrer vivendo, ou seja, passar de nossa essência para nossa beatitude supraessencial.

Isto é o que acontece quando, por meio da graça e do socorro de Deus, temos suficiente domínio sobre nós

mesmos para nos despojarmos de imagens todas as vezes em que queremos e chegar à inação onde somos um com Deus no abismo sem fundo do seu amor.

Lá, há plena satisfação, pois temos Deus em nós e nós somos bem-aventurados em nossa essência, sob a ação de Deus, com quem somos um em amor, não em essência ou natureza. Mas, somos bem-aventurados e a própria beatitude na essência de Deus, lá onde ele desfruta dele mesmo e de nós todos em sua altíssima natureza. Está lá o coração do amor que se oculta em uma obscuridade e em um não saber insondáveis.

Este não saber é uma luz inacessível, é a própria essência de Deus. Para nós, ele é sempre supraessencial. Somente para Deus ele é essencial, pois Deus é, ele mesmo, sua própria beatitude e ele desfruta dele mesmo em sua própria natureza e nós, quando desfrutamos dele, somos mortos, submergidos e perdidos segundo nosso prazer, mas não segundo nossa essência, pois nosso amor e seu amor são sempre semelhantes e um quanto ao prazer, quando o Espírito absorveu nosso amor e o absorveu nele mesmo em um mesmo prazer e beatitude.

Mas, quando digo que somos um com Deus, é preciso entender quanto ao amor e não quanto à essência e

nem quanto a natureza, pois a essência de Deus é incriada, enquanto que a nossa é criada. Entre Deus e a criatura, a distinção é imensa.

É por isto que, mesmo que eles sejam unidos, eles não podem se tornar um. Se nossa essência se reduzisse a nada, não teríamos mais conhecimento, nem amor e nem beatitude. Mas nossa essência criada se assemelha a um deserto selvagem e desolado, onde Deus vive e nos governa e nesse deserto, precisamos vagar sem modos e nem medidas, pois só podemos ir da nossa essência à nossa supraessência através do amor.

Desta forma então, somos bem-aventurados em nossa essência quando vivemos em amor. Mas, nos tornamos beatitude na essência de Deus, quando, mortos para nós mesmos no amor, passamos até a fruição de Deus.

Sempre vivemos em nossa própria essência por meio do amor e sempre nos superamos na essência de Deus por meio da fruição. É por isto que se chama isto de uma vida que morre e uma morte que dá vida, pois vivemos com Deus e morremos em Deus. Bem-aventurados

os mortos que vivem e morrem desta forma, pois eles entram na herança de Deus e do seu Reino[87]!

Agora, rezem todos com fervor junto ao nosso querido Senhor, com um verdadeiro amor, em favor de cada um daqueles que fizeram ou escreveram isto, para nos dar o saber e para aqueles que leem e entendem, para que eles sejam todos eleitos, no Reino lá do alto, onde todos, em comum acordo, eternamente e sem fim, cantarão os louvores de Deus.

Para que possamos obter isto e cheguemos tão alto, que nos ajude Jesus o Filho de Deus!

De sorte que, com ele, todos juntos, sob os olhos de nosso Pai celeste, possamos cingir a coroa. Lá é a vida eterna, é praticar a alegria contínua e ter por recompensa o próprio Deus. Lá brilha a face do Bem-amado e nobres vozes fazem ouvir melodias sem iguais. Lá nos rejubilaremos juntos e em amor transpassaremos a face do nosso bem-amado, que é tão bela! Nela, nos glorificaremos e sempre rejubilaremos, pois lá somos livres e confiantes. Com Deus, teremos o Reino e ele nos ordenará, cada um em seu trono de glória. Então, praticaremos seu amor e ele mesmo se dará a nós e nele habitaremos. Se nós nos

[87] Cf. *A pedra brilhante*, cap. 09.

amarmos mutuamente, certamente encontraremos sua graça e nos tornaremos seus familiares.

Agora, observemos seus mandamentos, pois ele é um Deus verdadeiro na Trindade das Pessoas. Muito justamente amaremos Aquele que sabemos ser tão nobre e onipotente no que ele faz. Ele merece um louvor eterno.

Bem-aventurado quem aspira por ele!

Ah, que aconteça de o amarmos de uma maneira tal que nossa fome seja saciada e que o desfrutemos para sempre!

Que se diga: “Amém! Faça-se! Faça-se! Amém! Amém!”

Índice